



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

SIZANETE DA SILVA SANTOS

**VIEIRA ENTRE O RELIGIOSO E O LITERÁRIO: UMA LEITURA DE
APRECIÇÃO CRÍTICA DO *SERMÃO DA PRIMEIRA DOMINGA DA QUARESMA*
E DO *SERMÃO DE SANTO ANTÔNIO AOS PEIXES***

CAJAZEIRAS - PB

2018

SIZANETE DA SILVA SANTOS

**VIEIRA ENTRE O RELIGIOSO E O LITERÁRIO: UMA LEITURA DE
APRECIÇÃO CRÍTICA DO *SERMÃO DA PRIMEIRA DOMINGA DA QUARESMA*
E DO *SERMÃO DE SANTO ANTÔNIO AOS PEIXES***

**Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Letras/Língua Portuguesa, do Centro de
Formação de Professores da Universidade
Federal de Campina Grande – *Campus* de
Cajazeiras - como requisito de avaliação
para obtenção do título de licenciado em
Letras.**

**Orientadora: Prof.^a Dr.^a Lígia Regina
Calado de Medeiros**

CAJAZEIRAS - PB

2018

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764
Cajazeiras - Paraíba

S237v Santos, Sizanete da Silva.
Vieira entre o religioso e o literário: uma leitura de apreciação crítica do Sermão da Primeira Domingo da Quaresma e do Sermão de Santo Antônio aos Peixes / Sizanete da Silva Santos. - Cajazeiras, 2018.
48f.
Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Lígia Regina Calado de Medeiros.
Monografia (Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa) UFCG/CFP, 2018.

1. Análise literária. 2. Sermões. 3. Expressão literária. 4. Vieira, Antônio. I. Medeiros, Lígia Regina Calado de. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 82.0

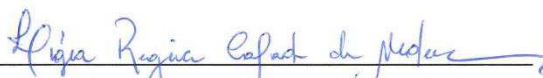
SIZANETE DA SILVA SANTOS

VIEIRA ENTRE O RELIGIOSO E O LITERÁRIO: UMA LEITURA DE
APRECIÇÃO CRÍTICA DO *SERMÃO DA PRIMEIRA DOMINGA DA QUARESMA*
E DO *SERMÃO DE SANTO ANTÔNIO AOS PEIXES*

Monografia apresentada ao Curso de
Letras–Licenciatura em Língua Portuguesa
da Unidade Acadêmica de Letras do Centro
de Formação de Professores da
Universidade Federal de Campina Grande.

Aprovado em: 16 / 03 / 18

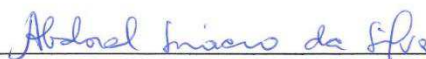
BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dr.^a Ligia Regina Calado de Medeiros
(UAL/CFP/UFCG–Orientadora)



Prof. Dr. Elri Bandeira de Sousa
(UAL/CFP/UFCG–Examinador 1)



Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva
(UAL/CFP/UFCG–Examinador 2)

Ao meu amado Everton Lucas,

Dedico.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me ter permitido chegar até aqui e por ter me dado forças para enfrentar todas as situações difíceis que apareceram no decorrer do caminho acadêmico.

À minha família, pelo carinho, compreensão, apoio emocional e por torcer pelo meu sucesso.

Ao meu companheiro de vida, Everton Lucas, pelo amor, carinho, compreensão e por estar sempre ao meu lado me apoiando e me incentivando a nunca desistir perante os obstáculos.

À Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), por me acolher e me dar a oportunidade de fazer parte do corpo discente e de projetos acadêmicos, em especial, as monitorias, que muito contribuíram para o meu desenvolvimento intelectual e profissional.

À Prof.^a Dr.^a Lígia Regina Calado de Medeiros, pela excelente orientação, competência, confiança, disponibilidade, paciência com meu alto nível de ansiedade e por acreditar que eu fosse capaz de ter êxito no desenvolvimento deste trabalho.

Aos professores que aceitaram participar da Banca Examinadora: Prof. Dr. Elri Bandeira de Sousa, Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva e o Prof. Dr. Nelson Eliezer Ferreira Júnior.

À turma maravilhosa da qual faço parte, composta pelos amigos: Manoel Cândido, Mayara Barbosa, Maria das Graças, Lenise Fernandes, Maria Izabel, Jocilene Amâncio, Maria de Fátima, Paula Raquel, Eliziene Alves, Leandro França e Giliard Sousa.

Enfim, agradeço a todos os professores do curso de Letras (Língua Portuguesa) que fizeram parte da minha vivência acadêmica e a todos que contribuíram direta e indiretamente para meu desenvolvimento emocional, intelectual e profissional e por todas as amizades construídas durante o meu percurso na universidade.

Para converter almas, não bastam só palavras: são necessárias palavras e luz. Se quando o pregador fala por fora, o Espírito Santo alumia por dentro, se quando as nossas vozes vão aos ouvidos, os raios da sua luz entram ao coração, logo se converte o mundo.

(Antônio Vieira)

RESUMO

No século XVII, o gênero sermão foi utilizado de forma recorrente por pregadores cristãos nos púlpitos das instituições religiosas, com a principal função de convencer os ouvintes da importância da religião para a orientação dessa sociedade. Antônio Vieira foi um pregador que se destacou no período por seu poder de persuasão e criatividade, notório em seu discurso sermonístico. Este trabalho tem, assim, como objetivo geral discutir a ocorrência de aspectos literários em dois dos sermões do padre Antônio Vieira, a saber: o *Sermão da Primeira Domingo da Quaresma* (1653) e o *Sermão de Santo Antônio aos Peixes* (1654), os quais apresentam um fundamento religioso e político muito comum na época. Para isso, revisitamos alguns conceitos que nos permitem compreender o texto na relação com a literatura. Relembramos as principais funções do gênero sermão, considerando o período em que o Brasil se tornou colônia portuguesa e, em seguida, analisamos os aspectos literários presentes nesses sermões, levando em conta a representatividade possibilitada pela estilística do período. Para sustentar a nossa análise, apoiamos-nos na teoria literária proposta por Silva, V. (2010), no estudo de estética barroca de Coutinho (2004), a pesquisa de Chauí (2011) sobre a ideologia do discurso e Roncari (2002), relativo à importância e a função do sermão no Brasil colonial. Do ponto de vista teórico-metodológico, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, do tipo exploratória e com abordagem qualitativa, pois partimos da interpretação dos dados e buscamos estar mais próximos do nosso objeto de estudo, a partir de leituras, documentação e anotações. Com base neste estudo, é possível afirmar que Vieira sabia como equilibrar os aspectos literários e religiosos de suas produções, mesmo em um momento conturbado por conflitos decorrentes de campos políticos e religiosos. Descobrimos que podemos encontrar nesses dois sermões, além da representação histórica e social, elementos de criação e elaboração retórica que confirmam traços de expressão literária no eloquente orador.

Palavras-chave: Sermão. Antônio Vieira. Expressão literária.

ABSTRACT

In the seventeenth century, sermon genre was used repeatedly by Christian preachers in the pulpits of religious institutions, with the primary function of convincing listeners of the importance of religion for the orientation of that society. Antônio Vieira was a preacher who stood out in the period for the power of persuasion and creativity, notorious in his sermonistic discourse. This work has, thus, as general objective to discuss the occurrence of literary aspects in two of the sermons of the priest Antonio Vieira, namely: *Sermão da Primeira Dominga da Quaresma* (sermon of the first Sunday of Lent) (1653) and *Sermão de Santo Antônio aos Peixes* (Sermon of Saint Anthony to the Pisces) (1654), which also present a very typical religious and political foundation common at that time. For this, we revisit some concepts that allow us to understand the text in relation to literature, we also revise the main functions of the literary genre sermon, considering the period in which Brazil became Portuguese colony, and then we analyze the literary aspects present in these sermons, taking into account the representativeness made possible by the stylistic of the period. To support our analysis, we corroborate with the literary theory proposed by Silva, V. (2010), also with Coutinho's (2004) study of baroque aesthetics, Chaui's (2011) research on the ideology of discourse and Roncari's (2002), on the importance and function of the sermon in colonial Brazil. From the theoretical-methodological point of view, this is a bibliographical research, exploratory type and with a qualitative approach, since we seek to be closer to our object of study, from readings, documentation and annotations for understanding and exposing the data. Based on this study, it is possible to affirm that Vieira knew how to balance both literary and religious aspects of his productions, even in a time troubled by conflicts arising from politics and religion camps. We find that we can find in these two sermons, besides the historical and social representation, elements of creation and rhetorical elaboration that confirm traces of literary expression in the eloquent speaker.

Keywords: Sermon. Antônio Vieira. Literary expression.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 DA NATUREZA DO LITERÁRIO	13
1.1 APRESENTANDO ALGUNS CONCEITOS	13
1.2 O DISCURSO LITERÁRIO NO CONTEXTO DA CONTRARREFORMA	15
2 A FUNÇÃO DO SERMÃO NO BRASIL COLONIAL	19
2.1. A NATUREZA DO SERMÃO	19
2.2. A LITERATURA JESUÍTICA E O ESTILO BARROCO	20
3 <i>SERMÃO DA PRIMEIRA DOMINGA DA QUARESMA E SERMÃO DE SANTO DE SANTO ANTÔNIO AOS PEIXES, POR UMA PERSPECTIVA DE ANÁLISE LITERÁRIA</i>	24
3.1 <i>SERMÃO DA PRIMEIRA DOMINGA DA QUARESMA (OU DAS TENTAÇÕES)</i>	24
3.2 <i>SERMÃO DE SANTO ANTÔNIO AOS PEIXES</i>	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
REFERÊNCIAS	46

INTRODUÇÃO

O século XVII, no Brasil, foi um período de lutas de natureza social, política e religiosa. Com influências pós-renascentistas europeias, essa época ilustra o combate entre a razão e a fé, o sacro e o profano, o puro e o impuro e outras dualidades que constituem o pensamento da época.

Narrativas de viagens, poemas, sermões, formam o arcabouço de uma literatura que reflete as disputas existentes entre os grupos das diversas camadas sociais e culturais preponderantes. Imbricados entre mostrar e produzir, por sua vez, os textos de caráter historiográfico ou dogmático, nem por isto deixam de apresentar – e Vieira constitui apreciação disto – um teor de criação literária. Colabora para tanto uma estilística voltada para os exageros nas palavras, as imagens criadas a partir de objetos comuns, as interpretações dos textos sagrados, ainda que confusas, e a presença de elementos que, se tornam o discurso mais convincente ao público da época, alinham-se igualmente com a corrente literária vigente.

A era barroca caracteriza os aspectos mencionados e se torna, no período, a base da estética dos autores, dos quais se destacam alguns padres jesuítas, tanto pelo conteúdo ideológico-religioso, quanto pelos incrementos estilísticos e esteticamente trabalhados, a fim de desenvolver um discurso ao mesmo tempo convincente e doutrinador, como é o caso dos sermões.

Elencados de um conjunto de textos de caráter religioso, nem sempre se compreende os sermões como produções literárias, por apresentarem conteúdos com as funções principais de catequizar e ensinar preceitos religiosos. No entanto, se pararmos para pensar que a definição de literatura abrange muito mais que a ficcionalidade, que é uma de suas características, entendemos que a junção de vários contextos (social, cultural, político, religioso) e a maneira de trabalhar com eles podem resultar em mecanismos do discurso de expressão literária, ou num texto que não apenas descreve o que acontece, mas que utiliza elementos nessa descrição de forma estratégica, ressignificando de forma criativa, inclusive, valores da linguagem.

Nesse sentido, analisaremos dois sermões de um dos jesuítas desse período: o padre Antônio Vieira que, além de um religioso, foi também um homem com participação ativa na sociedade do Brasil Colônia e da monarquia portuguesa. Dentre seus muitos sermões, escolhemos para analisar o *Sermão da Primeira Domingo da Quaresma* (1653) e o *Sermão de Santo Antônio aos Peixes* (1654).

Partindo do pressuposto de que o sermão é um texto de fundo religioso e que apresenta, portanto, ideologia própria, pretendemos analisar o discurso presente nele, buscando, por sua vez, elementos que denotem relação com a expressão literária. No período de produção dos sermões, a que se reporta esta investigação, lembrar que a vida das pessoas que ocupavam o território brasileiro era conturbada é uma tarefa necessária para o seu entendimento, já que o impacto de implantação de um sistema colonial de subserviência e a imposição de práticas e crenças religiosas pela Igreja tornou conveniente a utilização de todas as expressões de comunicação possíveis, inclusive a literatura, para lutar em combate aos ideais que fossem contrários à doutrina católica.

Deste modo, nosso objetivo geral consiste em discutir a presença de aspectos literários em dois dos sermões do padre Antônio Vieira, já citados inicialmente, os quais apresentam um fundamento religioso e político bastante comum no século XVII. Para isso, buscamos revisitar alguns conceitos que nos permitam compreender o texto na relação com a literatura, relembrar as principais funções do gênero sermão, considerando o período em que o Brasil se tornou colônia portuguesa para, em seguida, analisar os aspectos literários presentes nos sermões selecionados, levando em conta, por fim, o poder de representação possibilitado pela estilística do período.

Esta pesquisa justifica-se pelo fato de os sermões selecionados serem da escola barroca, estudada em sala, por serem os textos que mais chamaram nossa atenção no quesito de construção de uma linguagem que representa a época do Brasil Colônia e por apresentar aspectos literários significativos para o alcance dos objetivos propostos neste trabalho, com destaque para as alegorias, as metáforas, as repetições e a presença da elaboração retórica.

A escolha do tema surgiu a partir de uma inquietação particular, motivada pelo interesse em compreender de que forma o sermão, que é um discurso religioso, pode apresentar elementos característicos do discurso literário e como ele representa o período de disputas de caráter religioso e político, relacionado ao momento em que o território brasileiro estava sob o domínio português, na situação de colônia. Essa inquietação manifestou-se durante o trajeto acadêmico, especialmente quando se trata das disciplinas de literatura portuguesa, estudadas no início do curso, além do desejo de entender um pouco mais a construção da expressão literária em textos de natureza bíblica. Nesse sentido, tal pesquisa torna-se relevante para o reconhecimento da literariedade em obras de base teológica e para a reflexão sobre a criação literária do padre jesuíta como recurso estético e persuasivo. Além disso, acreditamos que possa contribuir com o desenvolvimento de pesquisas posteriores, relacionadas ao mesmo tema, uma

vez que trazemos apenas uma das faces analisáveis da literatura, que é aberta a novas investigações.

Quanto à fundamentação teórica, Silva, V. (2010) nos apresenta uma conceituação do estudo literário e uma compreensão de literatura enquanto atividade criadora, que tem como resultado os textos produzidos a partir desse trabalho artístico. Para melhor assimilação das significações e ideologias que representam o pensamento da época, recorreremos a Coutinho (2004), que nos apresenta um arcabouço geral do que foi o Barroco, como aconteceu a colonização no território brasileiro e quais as principais influências trazidas pelos jesuítas durante suas missões. Sobre o conceito de ideologia e sua forte presença nas diversas camadas sociais, Chauí (2011) expõe o quanto um discurso pode ser ideológico e convincente, mesmo que apresente ideias falsas ou confusas. Para entender o papel de Vieira frente às missões jesuíticas nas terras brasileiras e como seus sermões são fontes históricas e literárias, pela representação de mundo e pelo uso de elementos estéticos que criam novas imagens, com propósitos bem definidos pelo autor dos sermões, apresentamos os pensamentos de Roncari (2002).

Do ponto de vista teórico-metodológico, o presente trabalho é uma pesquisa do tipo exploratória, de natureza bibliográfica, numa abordagem qualitativa, pois buscamos estar mais próximos do nosso objeto de estudo, a partir de leituras, documentação e anotações para a compreensão e exposição dos dados. Esse tipo de pesquisa “[...] se desenvolve tentando explicar um problema a partir das teorias publicadas em diversos tipos de fontes: livros, artigos, manuais, enciclopédias, anais, meios eletrônicos, etc.”. (HEERDT; LEONEL, 2007, p. 67). Nessa direção, nosso *corpus* de análise é constituído pelos dois sermões, com o auxílio de trabalhos publicados em livros e em ambientes eletrônicos.

Nos sermões escolhidos, a leitura e análise são direcionadas para os pontos de vista histórico, estrutural e estilístico, estabelecendo-se uma relação literária entre si. No percurso de nossa observação analítica, começaremos por identificar o contexto histórico, cultural, político e religioso, no qual o autor e seu texto estão inseridos; depois, vamos descrever como o sermão está estruturado, apresentando as partes que o compõem e qual a principal função de cada uma e, por fim, mostraremos os elementos estilísticos que mais estão presentes no corpo textual e indicaremos possíveis significações para seu uso na pregação vieiriana. Esses são os critérios que seguiremos no decorrer das duas análises.

Com o intuito de organizar este trabalho, o texto está dividido em três capítulos. A *Introdução* apresenta o tema, o objetivo geral e os específicos, a justificativa, a motivação, a metodologia e a fundamentação teórica.

No primeiro capítulo, cujo título é *Da natureza do literário*, revisitamos alguns dos conceitos do fenômeno literário e explanamos de forma resumida o avanço dos estudos nessa área, considerando sua abrangência e necessidade de mais pesquisas relacionadas.

O segundo capítulo, intitulado *A função do sermão no Brasil colonial*, trata da importância do texto homilético para o Brasil enquanto produção que tem seus propósitos religiosos, mas que também apresenta um teor de criação literária, pelos usos estilísticos e retóricos e pela representação/produção de novos significados daquela sociedade.

No capítulo terceiro, sob o título de *Sermão da Primeira Domingo da Quaresma e Sermão de Santo Antônio aos Peixes*, por uma perspectiva de análise literária, analisamos os dois sermões selecionados do sermonário de padre Antônio Vieira, considerando os aspectos histórico, estrutural e estilístico e sua importância para a literariedade desses textos. Por último, apresentamos nossas considerações finais acerca desse tema tão amplo e instigante, apontando os resultados alcançados na pesquisa.

1 DA NATUREZA DO LITERÁRIO

1.1 APRESENTANDO ALGUNS CONCEITOS

A arte, no que concerne ao poder de representação, está presente na vivência social desde os primórdios da humanidade. Na Grécia Antiga, por exemplo, alguns questionamentos tomaram um rumo sob a influência de uma ótica filosófica, especialmente no que se refere à representação em poesia. As reflexões até então levantadas acerca da natureza literária estavam intimamente ligadas à imitação da vida e da realidade que rodeia o cotidiano do homem. Com isso, a *mimesis* (termo grego que indica o processo de imitação), em concepção abrangente, passa a ser designada como o fundamento da arte literária do período.

Sabemos que os primeiros estudos a que se tem referência sobre a literatura são, em grande parte, alusivos a dois importantes filósofos gregos: Platão e Aristóteles. Em seu diálogo, *A República*, Platão (1949) compara o trabalho da poesia (literatura) ao trabalho de imitação da realidade, o que era visto de forma negativa por ele, pois esse processo estaria longe do objeto imitado. Esse filósofo buscava alcançar a verdade das coisas. Para ele, ela se encontrava no mundo das ideias e por isso as imagens da esfera física seriam suas cópias imperfeitas. A *mimesis* (conceito de imitação) realizada pelos poetas era, a seu ver, uma distorção completa do mundo ideal. É como se o poeta mentisse duas vezes. O pintor e o poeta estariam imitando a aparência das coisas e não elas em si.

Aristóteles, em sua *Arte Poética* (1989), entende a realidade de maneira distinta da visão platônica, pois defende que ela estaria presente no mundo material. Ele via a *mimesis* como uma representação, que possibilitava o reconhecimento do que é concreto. Para ele, a poesia é imitação e as diferentes formas poéticas, como a epopeia, a tragédia, o ditirambo, a aulética e a citarística são artes imitativas. Segundo o filósofo, a *mimesis* não precisava ser uma cópia fiel da materialidade, mas ter a aparência dela, o que constitui o conceito de verossimilhança, que ele designou como o *parecer verdade*:

1. Pelo que atrás fica dito, é evidente que não compete ao poeta narrar exatamente o que aconteceu; mas sim o que poderia ter acontecido, o possível, segundo a verossimilhança ou a necessidade.
2. O historiador e o poeta não se distinguem um do outro, pelo fato de o primeiro escrever em prosa e o segundo em verso [...]. Diferem entre si, porque um escreveu o que aconteceu e o outro o que poderia ter acontecido.
3. Por tal motivo a poesia é mais filosófica e de caráter mais elevado que a história, porque a poesia permanece no universal e a história estuda apenas o particular. (ARISTÓTELES, 1989, p. 252).

Para que a poesia fosse mimética, vale repetir, ela não precisava ser uma cópia fidedigna do plano do real, bastava ser uma representação deste, porque o papel do poeta, segundo o pensamento aristotélico, era falar sobre o que poderia acontecer e não exatamente do que acontecia, como o historiador fazia.

A partir dessas colocações, lembramos que não havia uma definição única para a compreensão inicial do fenômeno literário, mas possibilidades de entendê-lo como representação da atividade humana, a partir da imitação ou não. De um lado, Platão (1949) vê a poesia como uma imitação forçada do plano real; de outro, Aristóteles (1989) a entende como imitação que representa esse plano, sem necessariamente precisar ser uma cópia dela para ter um caráter mimético.

De um modo geral, os pensamentos mais antigos relativos à arte literária indicam que ela está presente na vivência humana, bem como na realidade que a envolve, representando-a e recriando-a por meio da palavra, sem precisar apenas descrevê-la. Enquanto fruto desta experiência, a literatura é um conhecimento suscetível a questionamentos, e por isso não admite um conceito único, que seja capaz de defini-la de forma a não abrir espaço para nenhum outro.

Tal como toda área do conhecimento, a literatura pressupõe a existência e a formulação de teorias que embasem discussões sobre sua natureza. E, como vimos, os pensadores gregos já se posicionavam a esse respeito. Não foi apenas na Antiguidade Clássica que a tentativa de compreensão da expressão literária se deu. Ela tem sido analisada de diferentes formas e de acordo com cada cultura e época.

Com o avanço dos estudos teóricos quanto ao que confere a um texto um caráter literário, a tentativa de buscar definir e unificar o conceito de literatura não cessou: os conceitos baseados nos pensamentos dos filósofos supracitados permaneceram em destaque por toda a Idade Média e durante o período renascentista (não que eles tenham desaparecido por completo). Outro ponto importante nesta concepção de arte, que nos interessa, foi a busca por compreender o fenômeno literário como uma ciência autônoma, que poderia ser estudada em si mesma, amplamente difundida pelos formalistas russos no século XX (como Roman Jakobson), concentrados nos aspectos intrínsecos ao texto e separando seus aspectos externos, relacionados às marcas sociais. A partir disso, Roman Jakobson criou o termo *literariedade*, que consiste no estudo do que torna um texto uma obra literária. Enfim, os estudos teóricos que apareceram no decorrer dos séculos apresentam convergências e divergências, ampliando ainda mais o interesse pela investigação da teoria literária. E hoje não é diferente, ainda não há uma definição que seja suficiente para dizer o que é a arte literária, mas os estudos que já foram realizados,

reunidos aos que virão pela frente contribuirão para que entendamos que o fenômeno literário é muito mais complexo do que se imagina, e que, mesmo assim, é possível ter uma noção do que um texto precisa para ter uma natureza literária. (VASQUES, 2011).

Ciente, então, destas concepções primeiras relativas ao evento literário, a definição que tomaremos como base no presente trabalho, e que não nega os estudos já realizados, é a de Silva, V. (2010, p. 10), que apresenta o seguinte conceito de literatura: “[...] uma arte particular, uma específica categoria da criação artística e um conjunto de textos resultantes desta actividade [*sic*] criadora”. Isso significa que a literatura pode abranger a recriação da realidade por meio de elementos estéticos e criadores que estão à disposição do artista – o artista da palavra. Não só o fazer artístico, mas também o produto dessa ação, que é o texto (a palavra falada ou escrita), é de natureza literária.

A literatura é uma arte que trabalha com a linguagem, mais especificamente com a palavra, de maneira que um de seus objetivos é romper barreiras, ultrapassar o simples relato, dizer além do que está posto e ainda recriar ou até mesmo transformar a realidade que a cerca. E tudo isso é possível a partir do trabalho de criação artística e dos elementos presentes nesse discurso, porque esses aspectos da linguagem não são utilizados sem nenhum fim; eles podem ser constituídos por ideais que expressem as relações sociais, por isso, o discurso literário não é fomentado apenas por sua natureza estética, mas é também construído social e historicamente. Daí vem a relação existente entre literatura e contexto, que iremos explicitar mais adiante.

1.2 O DISCURSO LITERÁRIO NO CONTEXTO DA CONTRARREFORMA

O discurso literário difere de outros, como o histórico, o filosófico e o científico, podendo, a partir disso, apresentar marcas da época em que foi produzido e do contexto no qual está inserido. Consequentemente, o texto literário não é apenas expressão de pensamentos ou sentimentos, muito menos a mera intenção informativa. Cada obra literária é feita dentro de determinado contexto histórico, social e cultural, assim como pode trazer elementos estéticos que auxiliem não apenas no embelezamento do texto, mas no alcance de outros objetivos. (PALMA, 2007). Por isso, é importante também atentarmos para a presença social e histórica em uma obra literária, para percebermos de que forma e com que intenção os aspectos de criação estão presentes no texto:

Uma obra literária pode ser vista como um “mundo à parte”, pois contém em si os elementos necessários para o seu entendimento e a sua compreensão. [...]. No entanto, para superar essa relação imediata com a obra e estabelecer com ela relações mais sutis, compreensivas e profundas, dependemos de informações dos mais diferentes tipos: linguísticas, estilísticas, históricas, filosóficas etc. Quanto mais informações e conhecimentos tivermos do mundo histórico e cultural no qual a obra foi produzida, mais elementos teremos para apreciá-la nos detalhes, tanto do que o autor quis mostrar, como daquilo que fugia à sua intenção, mas era do próprio tempo e da formação cultural em que viveu. Um dos trabalhos mais importantes e também mais difíceis da crítica literária é saber distinguir numa obra o que é contribuição própria do autor e o que é comum à época ou vem da tradição dentro da qual o autor trabalhou. (RONCARI, 2002, p. 97-98).

Certamente, os aspectos contextuais não são exclusivos para compreender a literatura, mas são importantes para mantermos uma relação mais estreita com ela, porque é a partir deles que percebemos o quanto a arte literária pertence ao universo da vivência humana, fazendo com que sua representação seja ainda mais envolvente. Roncari (2002) ainda afirma que é possível apreciar um texto sem ter conhecimento de sua natureza histórica, mas que ela ajuda a melhor assimilar e interpretá-lo. Dado isso, pretendemos, nesta pesquisa, analisar o discurso literário e os elementos estéticos presentes em textos, especialmente em sermões, do período conturbado da Contrarreforma, seguido pelo estilo barroco na colônia brasileira, para que entendamos de que forma o discurso literário se faz presente e qual a sua função ao ser utilizado. Deste modo, atentaremos quanto ao uso de sua estética, no que concerne de retórica, mas também de poética, associadas às intenções de representação de uma sociedade, a partir de suas funções e objetivos para com ela.

O contexto ao qual nos referimos diz respeito à sociedade do século XVII, posterior à que carregava valores renascentistas e que valorizava os interesses humanos e a crença pagã greco-romana. Essa época de que tratamos consiste num período em que a visão do cristianismo imperava de forma autoritária, com a imposição da fé católica por meio da catequização. A Igreja estava passando por crises devido à saída de muitos de seus fiéis e às mudanças ocorridas por causa da revolta de pessoas que não mais concordavam com os ideais cristãos católicos, e que tiveram início com a Reforma Protestante. Após o concílio realizado em Trento (1545-1563), ficou decidido que a Igreja Católica iria reagir contra os ataques hereges. Tornando-se a Igreja muito vulnerável, as lutas se davam a partir da expansão territorial e religiosa, com a descoberta de novas terras, a exploração de suas riquezas e a catequização dos povos que nelas habitavam. (RONCARI, 2002).

E o Brasil acabou sendo uma dessas colônias, como bem sabemos. Quando aqui chegaram, os portugueses trouxeram consigo parte de seus costumes, sua cultura, sua literatura e, principalmente, sua religião. Foi preciso que viessem missionários realizar a missão de doutrinar os nativos e fazer com que a fé católica não escapasse a nenhum deles, mesmo que para isso fosse necessário usar de autoridade/autoritarismos. Os jesuítas, que formavam a Companhia de Jesus, foram os principais responsáveis por fazer esse trabalho, propagando a sua religião entre os povos oriundos dessa terra. Uma das formas de apregoar o evangelho e torná-lo mais próximo dos indígenas era através da pregação de sermões nos púlpitos ou mesmo mediante a educação, que era rigorosa no quesito da catequização. Os sermões, além das narrativas dos viajantes e da poesia, formavam o conjunto literário dessa época, seguindo estruturas clássicas e tradicionais e expressando os impactos daquela situação agitada. A arte literária, nesse tempo, segundo o que afirma Roncari (2002, p. 102), estava:

[...] a serviço da propaganda e promoção dos símbolos, valores e sentimentos religiosos. Com isso, mais que agradar e concorrer para aperfeiçoar as relações dos homens entre si, a literatura deveria participar dessa disputa ou dessa guerra, afirmando e reproduzindo no plano do sensível tudo aquilo que a Igreja pregava no plano do inteligível.

Mais uma vez retomamos uma das características da literatura: que é a de representar o momento em que a sociedade está vivendo. Assim aconteceu na fase colonial brasileira: a literatura, em grande parcela, serviu de arma contra tudo aquilo que não estivesse de acordo com os princípios religiosos, já que para ser aceita e divulgada requeria esse pormenor. (RONCARI, 2002).

O exercício literário do período colonial brasileiro estava fortemente anexo à atividade da oratória e da persuasão, exigindo dos jesuítas um bom conhecimento das técnicas da Retórica Clássica. Desde a Grécia Antiga, a Retórica é um recurso importante na construção de um discurso que procura persuadir e convencer o ouvinte, agindo sobre a razão e emoção deste.

De acordo com Abreu (2005), a Retórica surgiu na Grécia Antiga, em Atenas, por volta de 427 a.C., e foi desenvolvida pelos sofistas, que ensinavam aos cidadãos atenienses a arte do bem falar e argumentar, para que conseguissem discursar com as outras pessoas nas assembleias e tribunais. Como a era seiscentista buscava influências nos modelos clássicos, a arte de convencer e persuadir tornou-se um aspecto importante no discurso dos padres, os quais faziam uso dos púlpitos das igrejas e das salas de aula para aumentar o número de adeptos e de alunos formados na educação cristã.

Os missionários usavam desse mecanismo para tornar seus ensinamentos mais eloquentes e convincentes, tendo como referências os pensadores clássicos, como Platão e Aristóteles, já citados aqui; oradores romanos consagrados como Cícero e Quintiliano e, principalmente, a *Bíblia Sagrada* que, para eles, era considerada como fonte inesgotável de conhecimento e de natureza indiscutível quanto à instrução da verdade. Ademais, encontravam apoio ainda na estética do Barroco, que se caracteriza como um período literário influenciado pela arte europeia do século XVII. Esta apresenta, por sua vez, características como a extravagância, o exagero, o artificial e a crescente alusão ao divino.

Do período, um jesuíta que se destacou pelo seu poder discursivo e de persuasão foi o padre Antônio Vieira, considerado o maior orador sacro e político-diplomata do século XVII. Nasceu em Portugal, em 1608, e veio para o Brasil aos sete anos de idade. Estudou no colégio dos jesuítas e, posteriormente, juntou-se à Companhia de Jesus. Lecionou Teologia e Retórica devido ao seu brilhantismo como orador. Voltou a Portugal quando já era reconhecido na colônia brasileira e atuou não só na Metrópole, mas em outros países da Europa. Realizou várias viagens missionárias, foi perseguido por não defender todos os interesses de seus superiores e viveu na Bahia até sua morte, que ocorreu por volta de 1697. Fazendo parte da Companhia, utilizou-se de suas atividades de cunho religioso para desenvolver uma reflexão não só relacionada à fé, mas também à política, desvendando os atos e comportamentos dos colonos e colonizados e até das causas relacionadas aos negócios públicos, usando a seu favor o púlpito e a *Bíblia Sagrada*. Foi autor de uma extensa quantidade de sermões e cartas, bem como de alguns livros proféticos. (RONCARI, 2002).

Neste trabalho, Vieira e obra nos interessam, mais especificamente no estudo dos textos de sua homilia: o *Sermão da Primeira Domingo da Quaresma* (1653) e o *Sermão de Santo Antônio aos Peixes* (1654), aos quais nos dedicaremos, quando pretendemos abordar, a partir deles, a relação com a criação artística. Ou seja, vamos tentar compreender os textos no que eles revelam de literário, ainda quando nitidamente porta-vozes de uma doutrina e de uma época tão cheia de atritos e crises como a do século XVII, das quais o padre faz parte.

A seguir, tratamos da natureza literária presente no sermão, enquanto texto que apresenta não só aspectos correspondentes ao momento histórico e aos objetivos que a Igreja buscava alcançar, mas também uma face de criação literária.

2 A FUNÇÃO DO SERMÃO NO BRASIL COLONIAL

2.1. A NATUREZA DO SERMÃO

O sermão consiste em uma pregação de base religiosa, especialmente quando se trata da *Bíblia Sagrada*. É um gênero literário que apresenta estrutura e função próprias. Pertence a um domínio maior de estudo, que recebe o nome de Homilética, “[...] ciência que se ocupa com a pregação cristã e, de modo particular, com o sermão proferido no culto, no seio da comunidade reunida”. (SILVA, S., 1992, p. 13). Esse saber significa, de maneira geral, a arte de pregar e convencer o ouvinte a partir da prédica bem elaborada linguística e retoricamente. A arte de falar em público tem suas origens na Grécia Antiga e recebe a denominação de Retórica, como apresentamos no início deste trabalho. Ao longo dos séculos, o sermão, discurso resultante dessa prática estética, passou a ser utilizado de forma recorrente pelos pregadores cristãos nos púlpitos das instituições religiosas e no meio de multidões reunidas, tendo como função essencial convencer os ouvintes quanto à importância da religião para o andamento da sociedade.

O padre Antônio Vieira, assim como outros jesuítas, utilizava o sermão como instrumento de propagação da fé cristã católica e de valores sociais nas terras que estavam sob o domínio português. Os colonos trouxeram para o Brasil muitas influências: seus costumes, sua cultura e, sobretudo, sua religião. Nesse sentido, esse discurso se tornava o meio mais eficaz de atingir o maior número de pessoas, tanto pelo procedimento estético a que era submetido, como pela sustentação bíblica que tinha, sendo reconhecido como a voz de Deus aos homens.

É necessário lembrar que, no período de colonização, a vida social neste país era conturbada, justamente por haver a disseminação das crenças cristãs de forma acirrada, por ser um momento em que a Igreja estava tentando se reerguer da grande perda de fiéis e da diminuição de seu poder econômico. A literatura dessa época (oral em sua maior parte) teve o papel de difundir o pensamento cristão português. Naquela sociedade, as lutas se davam por motivos religiosos (e políticos), então, os discursos por trás delas eram também de fundamento religioso. Essa prática fazia parte do dia a dia das pessoas, tanto em pregações, quanto em outras situações, conforme diz Roncari (2002, p. 105):

[...] a literatura nessa época fazia parte da vida de todos os dias, fosse no âmbito da vida profana ou no da sagrada. Faziam-se poesia, trovas, glosas, romances em versos, desafios, encômios, versos maledicentes, trocavam-se

cartas, pregavam-se sermões nas igrejas que se erguiam em cada freguesia; tudo isso a propósito de tudo e de todos.

Por fazer parte da tarefa diária das pessoas, o discurso sermonístico tinha também a função de representar a vida social, atuando como um dos componentes de organização da colônia, em que a Igreja teria a incumbência de reparar o que estivesse fora do lugar e de determinar o que seria bom ou mau para o povo. Posto que a *Bíblia Sagrada* era considerada fonte incontestável e imutável do saber divino, Vieira, em seus sermões, utilizava frequentemente citações bíblicas para reforçar seu discurso e torná-lo ainda mais convincente – elas eram apresentadas em latim, pois o uso de expressões desse tipo era comum na época, cuja mentalidade se sustentava em retomar a autoridade de alocações passadas como fontes da verdade –, sendo assim, as pessoas não tinham o direito de questionar nem duvidar da soberania do pregador.

Ao escutar uma pregação, o ouvinte deveria mudar suas atitudes diante dos erros detectados após as reflexões influenciadas pelas palavras do orador. Essa ação é o fio condutor inicial de entendimento dos sermões de Antônio Vieira, pois nela percebe-se a “atuação do homem em seu meio”, em razão de uma mudança ser ocasionada a partir desses ensinamentos; posteriormente, esses textos podem também ser percebidos como artefatos de uma grandeza literária. (RONCARI, 2002).

2.2. A LITERATURA JESUÍTICA E O ESTILO BARROCO

A Companhia de Jesus, fundada oficialmente em 1540, foi uma ordem religiosa criada como uma das reações católicas ao protestantismo, com o propósito de defender os interesses católicos nas terras recém-descobertas, inclusive no Brasil. Seu trabalho de difundir a fé cristã foi desenvolvido na educação, nas evangelizações e na literatura. Por isso, essa organização muito trouxe de contribuição para o setor literário brasileiro. Até o século XIV, os diálogos, narrativas, autos e líricas estavam em vigor, como forma de implantar a cultura e a arte portuguesas. (COUTINHO, 2004).

No Brasil, o Barroco se desenvolveu, em grande parte, com a literatura jesuítica, em uma vasta produção de sermões, cartas e livros proféticos. Essa literatura da era seiscentista é formada por textos que carregam um estilo próprio e ideais voltados às circunstâncias históricas e políticas do país. A estética barroca está imbuída da ideologia religiosa que cerca o homem

do século XVII: as reações da Igreja Católica através da Contrarreforma e do Concílio de Trento, como já mencionamos nesta pesquisa. Esse estilo, por si só, já representa os conflitos vividos na época por meio de suas características:

[...] o dualismo, a oposição ou as oposições, contrastes e contradições, o estado de conflito e tensão, oriundos do duelo entre o espírito cristão, antiterreno, teocêntrico, e o espírito secular, racionalista, mundano [...]. Daí uma série de antíteses – ascetismo e mundanidade, carne e espírito, sensualismo e misticismo, religiosidade e erotismo, realismo e idealismo, naturalismo e ilusionismo, céu e terra, verdadeiras dicotomias ou “conflitos de tendências antitéticas” [...], “violentas desarmonias” [...], tradutoras da tensão entre as formas clássicas e o *ethos* cristão, entre as tradições medievais e o crescente espírito secularista inaugurado pelo Renascimento. A alma barroca é composta desse dualismo, desse estado de tensão e conflito, exprimindo uma gigantesca tentativa de conciliação de dois pólos considerados então inconciliáveis e opostos: a razão e a fé. (COUTINHO, 2004, p. 19, grifo do autor).

Esses atributos são enfatizados nos textos pelo uso das figuras de linguagem que representam oposição. Elas também expressam a luta e a tensão interior do indivíduo, estão presentes no cotidiano das pessoas, e abundam nas produções literárias, sobretudo nos sermões de Vieira, de nosso interesse. A utilização desses elementos, aliados à capacidade criadora do autor barroco, dá uma nova roupagem ao discurso religioso, oferecendo uma nova concepção de mundo.

O Barroco também se caracteriza pelo antagonismo, no que se refere à disputa entre a tradição medieval – em que o homem e o espiritual estão intimamente ligados – e o espírito renascentista – no qual a vida terrena se sobressai. Nesse sentido, essa estética apresenta duas faces para caracterizar os textos produzidos no período e que exibem características comuns em cada grupo: o cultismo e o conceptismo. O primeiro, como aponta Roncari (2002, p. 171), “se aplica quando o plano da expressão chama mais a atenção do que o das ideias e do conteúdo”. O segundo, como o próprio nome sugere, consiste na valorização do conceito, da ideia, do assunto presentes no texto.

Esses estilos eram estratégias para tornar frases e ideias simples mais sofisticadas e elaboradas linguisticamente. Havia a troca ou empréstimo de sentido entre as palavras e ideias, mesmo que forçadas, para que a possibilidade de interpretação de textos e exemplos bíblicos, por exemplo, fosse ampliada para o orador. Não bastava reproduzir e representar, era preciso criar novos sentidos, a partir dos que já existiam.

Além de estilo, as produções barrocas apresentavam um conteúdo ideológico amplamente ligado às transformações históricas e sociais do período. Em suas pregações e cartas, Vieira apresenta uma ideologia traçada pelo espírito contrarreformista, na busca pela manutenção do poder e expansão da Igreja. Ele trata de temas de natureza sacra e política e faz uso do estilo barroco em sua produção, tornando-se grande adepto do conceptismo, sem deixar de lado alguns itens cultistas. A obra desse jesuíta não se destaca apenas por objetivos estéticos, por meio dos jogos de ideias e palavras, mas também pelas intenções que pretende alcançar, como o convencimento e a conversão de almas.

Para convencer os ouvintes a seguir aquilo que lhes era proposto e imposto, a literatura jesuítica, sobretudo os sermões, trazia em seu discurso ideologias que cercavam o pensamento daquela época, que era pós-renascentista e na qual a racionalidade se opunha à visão espiritual para a explicação das coisas.

Era um momento não apenas de transformações de pensamentos, mas mudanças sociais, econômicas e políticas. Tudo isso envolvia o discurso vieiriano, como um português que era, trazendo em sua literatura um pouco do que sentia em relação ao próprio povo português, aos nativos que habitavam a terra brasileira e às funções que a religião exercia no meio social. A obra vieiriana era, assim, um dos veículos de transmissão dos ideais católicos contra tudo que fosse considerado ameaça.

Quando falamos em discurso, estamos diretamente nos referindo a uma postura ideológica de quem o profere, seja ele coerente ou não. Mas, o que seria ideologia? Para Chauí:

[...] a ideologia não é apenas a representação imaginária do real para servir ao exercício da dominação em uma sociedade fundada na luta de classes, como não é apenas a inversão imaginária do processo histórico na qual as idéias [*sic*] ocupariam o lugar dos agentes históricos reais. A ideologia [...] é a maneira necessária pela qual os agentes sociais representam para si mesmos o *aparecer* social, econômico e político, de tal sorte que essa aparência (que não devemos simplesmente tomar como sinônimo de ilusão ou falsidade), por ser o modo imediato e abstrato de manifestação do processo histórico, é o ocultamento ou a dissimulação do real. Fundamentalmente, a ideologia é um corpo sistemático de representações e de normas que nos ‘ensinam’ a conhecer e agir. [...] o discurso ideológico é aquele que pretende coincidir com as coisas, anular a diferença entre o pensar, o dizer e o ser e, destarte, engendrar uma lógica da identificação de todos os sujeitos sociais com uma imagem particular universalizada, isto é, a imagem da classe dominante. (CHAUI, 2011, p. 15, grifo do autor).

Por esse ângulo, podemos compreender que a classe dominante (no caso do Brasil, os portugueses) usava a ideologia religiosa como forma de convencer as pessoas de que elas

precisavam obedecer a regras e preceitos divinos, através da apropriação da arte barroca, seja por meio de pinturas ou mesmo da literatura. Dessa forma, a realidade (as verdadeiras intenções dos dominadores) ficaria oculta e dissimulada, como podemos deduzir da leitura de Chaui. Para isso, a utilização de elementos figurativos que produzissem uma reflexão interior nos ouvintes e até mesmo o medo da condenação ao inferno, bem como o emprego de uma boa retórica, ajudariam na execução dos propósitos do orador.

Assim, o discurso homilético era tomado, geralmente, como verdadeiro e inquestionável, não só por vir da classe que dominava, mas também por ter como principal fundamento as Escrituras, as quais eram ensinadas como fonte de inquestionável saber divino.

A linguagem barroca envolve muito mais do que estilo e criatividade: está rodeada de um conteúdo ideológico, que exprime a visão de mundo representada naquela época. Por isso, é importante analisarmos as produções dos autores desse período, levando em consideração o momento histórico em que eles viviam, caracterizado por conflitos sociais, políticos e econômicos. É necessário separar o elemento estilístico do contextual, mas é muito mais interessante unir os dois aspectos e perceber o quanto eles contribuem na elaboração de um discurso literário, carregado de imagens e significações, como se tentará mostrar mais adiante.

Após as explicações feitas, vale a pena refletir: já que o século XVII estava cercado, ideologicamente, de conflitos e reações religiosas, que espaço havia para a criação literária? De que forma um autor jesuíta, como o padre Antônio Vieira, recriava a realidade que o envolvia? A resposta é clara, mas não simples: através de uma nova interpretação de seu mundo e do uso de elementos figurativos que a exprimam. Por exemplo: se o padre quer mostrar a luta de classes existente em sua época, ele faz uso de metáforas, como as de *peixes grandes* e *peixes pequenos* (*Sermão de Santo Antônio aos Peixes*), para descrever o quanto um grupo é mais forte ou frágil que o outro. Não era algo apenas lançado para as pessoas. Cada palavra usada era pensada antes de ser colocada, para que causasse um maior efeito nos ouvintes. Do contrário, não era preciso usar metáforas, alegorias, repetições, etc. para descrever uma situação; bastava dizê-la abertamente para que o público entendesse o que o orador estava elogiando ou criticando. Por trás de cada expressão havia um propósito a se alcançar. Analisaremos esse quesito detalhadamente no capítulo a seguir.

3 *SERMÃO DA PRIMEIRA DOMINGA DA QUARESMA E SERMÃO DE SANTO DE SANTO ANTÔNIO AOS PEIXES, POR UMA PERSPECTIVA DE ANÁLISE LITERÁRIA*

3.1 *SERMÃO DA PRIMEIRA DOMINGA DA QUARESMA (OU DAS TENTAÇÕES)*

Na tradição católica, a quaresma compreende um período de quarenta dias de preparação para a Páscoa, que começa na quarta-feira de Cinzas e termina no domingo da Páscoa, no qual deve haver arrependimento e expurgação dos pecados. No entanto, é um momento em que as “tentações” se ampliam, porque as responsabilidades sobre o indivíduo aumentam, exigindo renúncias, jejuns, orações e a prática de boas obras, tornando mais difícil o processo de purificação.

O título desse sermão nos indica que ele foi pregado justamente nessa época, no dia que corresponde ao primeiro domingo. Foi pregado em 1653, em São Luís do Maranhão, e aborda o momento em que os colonos reivindicam seus “direitos” de continuar dispendo do trabalho indígena, sem a interferência da Igreja e do Estado.

Em relação aos índios, havia uma luta entre colonos e jesuítas no território brasileiro. Os conquistadores viam nos indígenas a mão de obra necessária para o crescimento econômico da colônia. Os missionários não eram a favor da escravização deles, pois isso dificultava o seu trabalho de evangelização. Essa disputa fez com o rei criasse regras que permitiam o trabalho dos nativos e outras que defendiam a liberdade deles, respectivamente, até que eles chegassem a um consenso entre si, já que esses grupos de portugueses solicitavam uma solução. Os colonos, contudo, não ficaram contentes com essa decisão e prosseguiram com reações contrárias a ela. A saída que o rei encontrou para amenizar a situação de tensão foi criar regras que atendessem aos dois setores, evitando que o índio desobedecesse seus senhores, se recusasse à evangelização e deixasse de cumprir com suas obrigações, em 17 de outubro de 1653. (VALE; CORRÊA, 2013).

Dado isso, podemos compreender o motivo da pregação de Vieira frente aos acontecimentos históricos e políticos que o envolviam, bem como sua reação a esses conflitos, que estava lado a lado com a tentativa de encontrar um equilíbrio entre os reinos material e espiritual, mesmo que fosse através da luta.

Para dar continuidade à análise do *corpus* selecionado, partimos da composição do sermão, observando como cada elemento estrutural é colocado e como o texto é fundamentado, tendo em vista um melhor desenvolvimento da arte de convencer o ouvinte.

O *Sermão da Primeira Domingo da Quaresma* se inicia com uma epígrafe, que já contém o texto que será tratado na pregação: “*Haec omnia tibi dabo, si cadens adoraveris me*” (VIEIRA, 2008, p. 25, grifo do autor). Ela faz referência a um versículo bíblico, presente no Evangelho de São Mateus, no Novo Testamento (capítulo 4 e versículo 9): “[...] tudo isto te darei se, prostrado, me adorares”. (BÍBLIA, 1995, p. 4). Essa citação condiz com o momento em que Jesus foi tentado por Satanás no deserto, no seu último dia de jejum, que durou cerca de 40 dias. Ao sentir fome, o diabo se aproximou dele e lhe propôs que se alimentasse, transformando uma pedra em pão, além de oferecer todas as riquezas do mundo. Jesus, porém, não se rendeu e expulsou o mal de diante de si.

Observamos que o fragmento bíblico engloba o assunto da pregação, que se resume em falar em tentações, sobretudo tendo como exemplo a tentação de Cristo. A lógica está nisso: se ele suportou tais fascinações, após ter passado um longo período de tempo em consagração, isso deveria ser um modelo a se seguir, pois Cristo, mesmo sendo um ser divino, também tinha seu lado humano, com as mesmas limitações físicas (fisiológicas) que os outros homens. A única diferença, nesse aspecto, seria a de não possuir um corpo pecaminoso como os demais.

Ao usar a *Bíblia Sagrada* como fundamento, Vieira tornava seu discurso ainda mais convincente e verídico. Mostrando a figura de Cristo como modelo a se seguir, os resultados positivos seriam realmente conquistados, pois os ouvintes atenderiam de forma mais pacífica às solicitações que lhes eram apresentadas, desde o arrependimento à mudança de atitudes.

O *Sermão da Primeira Domingo da Quaresma* é dividido em seis partes (I – introdução, II, III, IV, V – corpo do sermão e VI – conclusão). A introdução é a parte inicial do corpo do texto, é o principal ponto de acesso à argumentação do orador. “O propósito da introdução é despertar a atenção do povo [...] de tal modo que se interesse ativamente pelo assunto”, como Silva, S. (1992, p. 50) apresenta. Na primeira parte de introdução, chamada de *exórdio*, há a explicação da epígrafe e do motivo da pregação – com a presença de algumas perguntas retóricas, que são respondidas no corpo do texto:

Oh que temeroso dia! Oh que venturoso dia! Estamos no dia das tentações do demônio, e no dia das vitórias de Cristo. Dia em que o demônio se atreve a tentar em campo aberto ao mesmo Filho de Deus: *Si Filius Dei es*: oh que temeroso dia! Se até o mesmo Deus é tentado, que homem haverá que não tema ser vencido? Dia em que Cristo com três palavras venceu e derrubou três

vezes ao demônio, oh que venturoso dia! A um inimigo três vezes vencido, quem não terá esperanças de o vencer? (VIEIRA, 2008, p. 25, grifo do autor).

Na segunda parte da introdução, que recebe o nome de *introito*, ele traz a apresentação do assunto, expõe o plano geral do sermão, especificando o seu objeto de estudo e justificando o porquê da escolha, terminando com a *invocação*:

De todas estas tentações do demônio, escolhi só uma para tratar; porque para vencer três tentações, é pouco tempo uma hora. E quantas vezes para ser vencido delas basta um instante! A que escolhi das três, não foi a primeira, nem a segunda, senão a terceira e última, porque ela é a maior, porque ela é a mais universal, ela é a mais poderosa, e ela é a mais própria desta terra em que estamos. [...]. De maneira, cristãos, que temos hoje a maior tentação: queira Deus que tenhamos também a maior vitória. Bem sabeis que vitórias, e contra tentações, só as dá a graça divina; peçamo-la ao Espírito Santo por intercessão da Senhora; e peço-vos que a peçais com grande afeto, porque nos há de ser hoje mais necessária que nunca. Ave Maria. (VIEIRA, 2008, p. 26).

Percebemos nessa maneira de composição do sermão vieiriano uma parcela de influência dos modelos clássicos narrativos, que também apresentavam uma invocação contida na introdução; a diferença é a referência a deuses pagãos, enquanto que Vieira recorre à inspiração e sabedoria do Deus cristão.

Dando prosseguimento à nossa análise estrutural, vamos descrever como o jesuíta constrói o corpo desse texto religioso. O corpo do sermão “é o conjunto de fatos, de idéias [*sic*], de provas ou de argumentos arrolados pelo pregador”, como define Silva, S. (1992, p. 51). É a parte em que o pregador tece seus argumentos, apresenta suas teses, provando-os com conhecimentos de autores clássicos (Grécia e Roma), bíblicos e com sua própria interpretação. Num trecho do sermão analisado, podemos perceber a presença da comprovação dos argumentos:

Suponhamos, primeiramente, que o demônio no seu oferecimento falava verdade, e que podia e havia de dar o mundo; suponhamos mais que Cristo não fosse Deus, senão um puro homem, e tão fraco que pudesse e houvesse de cair na tentação. Pergunto: se este homem recebesse o mundo todo, e ficasse senhor dele, e entregasse sua alma ao demônio, ficaria bom mercador? Faria bom negócio? O mesmo Cristo o disse noutra ocasião: *Quid prodest homini, si mundum universum lucretur, animae vero suae detrimen tum patiatur?* (que lhe aproveita ao homem ser senhor de todo o mundo, se tem a sua alma no cativeiro do demônio?) [...]. Ouvi uma verdade de Sêneca, que, por ser de um gentio, folgo de a repetir muitas vezes – *Nihil est homini se ipso vilius*: Não há coisa para conosco mais vil que nós mesmos. (VIEIRA, 2008, p. 28-30, grifo do autor).

Nesse exemplo, percebemos que o padre expõe suas teses por meio de suposições e as desenvolve, fazendo menção ao texto bíblico trabalhado desde o início do sermão e tomando a figura de um pensador do império romano como exemplo. Em sua primeira hipótese, Vieira imagina uma outra situação para os “personagens” do texto sagrado: “suponhamos, primeiramente, que o demônio no seu oferecimento falava verdade, e que podia e havia de dar o mundo”. Como segunda tese, ele ainda declara ousadamente: “suponhamos mais que Cristo não fosse Deus, senão um puro homem, e tão fraco que pudesse e houvesse de cair na tentação”. Em seguida, ele problematiza suas proposições de forma retórica, pois já sabia se as respostas eram positivas ou negativas. Esses questionamentos eram feitos para causar um efeito maior no ouvinte e para que ele passasse a considerar todas as possibilidades de interpretação: “Pergunto: se este homem recebesse o mundo todo, e ficasse senhor dele, e entregasse sua alma ao demônio, ficaria bom mercador? Faria bom negócio?” (VIEIRA, 2008, p. 28-30).

É preciso destacar que esse jesuíta tem um modelo de pregar que segue um estilo filosófico-teológico baseado no método dialético, a partir da apresentação de silogismos retóricos, com duas premissas – tese, antítese – e uma conclusão – síntese. O precursor desse procedimento é o filósofo grego Aristóteles, citado inicialmente. Para ele, as provas de um discurso são seus argumentos, assim como Vieira faz. Esses argumentos do padre, como podemos verificar, têm sua base referencial, que é a sua sustentação. (ARISTÓTELES, 1989, p. 30).

Por fim, no que diz respeito à estruturação da pregação, a parte conclusiva do sermão (também chamada de *epílogo* ou *peroração*) se caracteriza por ser a última, como o próprio nome indica. Conforme Silva, S. (1992, p. 57), este “é o momento quando o pregador se obriga a fazer uma síntese de tudo o que disse, não só para destacar e fazer lembrar as verdades principais, mas para ajudar os ouvintes a se beneficiarem da mensagem”. Nessa parte, Vieira resume o que foi explicitado e traz reflexões, apelos e exortações, para os ouvintes praticarem o que foi apreendido:

[...] por reverência de Jesus Cristo, cristãos, e por aquele amor, com que aquele Senhor hoje permitiu ser tentado, para nos ensinar a ser vencedores das tentações; que metamos hoje o demônio debaixo dos pés, e que vençamos animosamente esta cruel tentação que a tantos nesta terra tem levado ao inferno e nos vai levando também a nós. Demos esta vitória a Cristo, demos esta glória a Deus, demos este triunfo ao céu, demos este pesar ao inferno, demos este remédio à terra em que vivemos, demos esta honra à nação portuguesa, demos este exemplo à cristandade, demos esta fama ao mundo. (VIEIRA, 2008, p. 40).

Ao expor um discurso moral, utilizando a imagem do inferno e da condenação a quem não vence as tentações do mundo, o pregador também se inclui no meio dos que correm esse risco, para que o público fique ciente de que qualquer um pode sofrer esses danos, se não pôr em prática o que Cristo ensina através de seu exemplo de renúncia e resistência. Essa é mais uma estratégia discursiva que Vieira usa para conseguir persuadir os colonos de que eles deviam contribuir para o equilíbrio político e religioso da região do Maranhão, entrando em um acordo mútuo e evitando, assim, mais conflitos.

Outra face do sermão vieiriano é o emprego de figuras de linguagem e de recursos estilísticos e retóricos, que não são colocados por acaso, mas como forma de dinamizar e representar as situações descritas pelo pregador. Analisamos, neste trabalho, os aspectos linguísticos que mais se destacam no sermão, para compreendermos como o padre jesuíta constrói seu discurso estilisticamente.

Uma figura que podemos identificar logo na introdução da pregação é a *apóstrofe* que “é quando se evoca determinadas entidades em um discurso, que pode ser poético, sagrado ou profano. Caracteriza-se pelo **chamamento do receptor, imaginário ou não, da mensagem**” (LOPES, 2010, p. 250, grifo do autor). Nos trechos a seguir, podemos confirmar a presença desse recurso:

De maneira, *cristãos*, que temos hoje a maior tentação: queira Deus que tenhamos também a maior vitória. [...] Ave Maria. (VIEIRA, 2008, p. 26, grifo nosso).

Pois, *valha-me Deus!* Um povo inteiro em pecados? Um povo inteiro ao inferno? Quem se admira disto não sabe que coisa são cativeiros injustos. (VIEIRA, 2008, p. 33, grifo nosso).

[...] por reverência de Jesus Cristo, *cristãos*, e por aquele amor, com que aquele Senhor hoje permitiu ser tentado, para nos ensinar a ser vencedores das tentações; que metamos hoje o demônio debaixo dos pés, e que vençamos animosamente esta cruel tentação que a tantos nesta terra tem levado ao inferno e nos vai levando também a nós. (VIEIRA, 2008, p. 40, grifo nosso).

Senhor Jesus, este é o ânimo, e esta é a resolução, com que estão de hoje por diante estes vossos tão fiéis católicos. (VIEIRA, 2008, p. 41, grifo nosso).

Como destacamos, os termos “*cristãos*”, “*valha-me Deus!*” e “*Senhor Jesus*” são *apóstrofes*, pois têm como função invocar o receptor e a entidade divina, que serve de inspiração para o pregador. Pode ser considerada uma forma de chamar a atenção do público para a mensagem que está sendo proferida: “de maneira, *cristãos*, que temos hoje a maior tentação: queira Deus que tenhamos também a maior vitória. [...] Ave Maria”. (VIEIRA, 2008, p. 26,

grifo nosso), ou mesmo de pôr em evidência a autoridade maior da pregação, como acontece em: “*Senhor Jesus*, este é o ânimo, e esta é a resolução, com que estão de hoje por diante estes vossos tão fiéis católicos”. (VIEIRA, 2008, p. 41, grifo nosso). Pode, ainda, ser uma estratégia para destacar o quão grave é a circunstância e o quanto deve ser remediada: “pois, *valha-me Deus!* Um povo inteiro em pecados? Um povo inteiro ao inferno? Quem se admira disto não sabe que coisa são cativeiros injustos”. (VIEIRA, 2008, p. 33, grifo nosso).

Outra figura de linguagem bastante utilizada por Vieira nesse sermão é a *comparação*. Ela acontece “quando se estabelece uma equivalência **explícita** entre um termo **comparante** e um **comparado** [...]”. (LOPES, 2010, p. 248, grifo do autor). Ou seja, dois termos ou ideias (no caso de Vieira) de mesma natureza ou diferentes em si são aproximados, considerando entre eles elementos semelhantes, como nos seguintes fragmentos da pregação:

[...] que vá o demônio ao Templo de Jerusalém distante tantas léguas, para me despenhar ao pecado; e que tendo eu a Igreja à porta, não me saiba ir meter em um canto dela, *como* o Publicano, para chorar meus pecados! [...]. (VIEIRA, 2008, p. 31, grifo nosso).

Desceram os filhos de Israel ao Egito, e, depois da morte de José, cativou-os el-rei Faraó, e servia-se deles como escravos. Quis Deus dar liberdade a este miserável povo, mandou lá Moisés, e não lhe deu mais escolta que uma vara. [...]. Não quis Faraó dar liberdade aos cativos, começam a chover as pragas sobre ele. A terra se convertia em rãs; o ar se convertia em mosquitos; os rios se convertiam em sangue; as nuvens se convertiam em raios e em coriscos: todo o Egito assombrado e perecendo! Sabeis quem traz as pragas às terras? Cativeiros injustos. Quem trouxe ao Maranhão a praga dos holandeses? Quem trouxe a praga das bexigas? Quem trouxe a fome e a esterilidade? Estes cativeiros. Insistiu e apertou mais Moisés para que Faraó largasse o povo; e que respondeu Faraó? Disse uma coisa, e fez outra. O que disse foi: *Nescio Dominum, et Israel non dimittam*. Não conheço a Deus, não hei de dar liberdade aos cativos. Ora, isso me parece bem; acabemos já de vos declarar. Sabeis por que não dais liberdade aos escravos mal havidos? Porque não conheceis a Deus. Falta de fé é causa de tudo. (VIEIRA, 2008, p. 33-34, grifo do autor).

A Samaritana ia com um cântaro buscar água à fonte, e foi tão santa como sabemos. Jesabel [*sic*] era mulher de el-rei Achab, rainha de Israel, e foi comida de cães, e sepultada no inferno, porque tomou a Nabot uma vinha, que não lhe chegou a tomar a liberdade. Pergunto: qual é melhor, levar o cântaro à fonte, e ir ao céu, *como* a Samaritana; ou ser senhora, servida, e rainha, e ir ao inferno como Jesabel? (VIEIRA, 2008, p. 36, grifo nosso).

Nesses exemplos, vemos que as comparações são feitas entre elementos bíblicos, para que todos entendam as consequências da desobediência das leis divinas e para que sirvam de exemplo àqueles que mantinham índios cativos. A primeira comparação ocorre entre a pessoa

do pregador e um publicano, descrito na *Bíblia Sagrada*. Vieira reflete com os ouvintes sobre qual deveria ser sua atitude ao ser tentado pelo diabo: se iria resistir, mesmo que ele lhe oferecesse o mundo todo e se, caso não resistisse, iria buscar o refúgio divino no templo, lamentando o arrependimento por ter desobedecido, como fez o cobrador de impostos, personagem da parábola que Jesus conta aos seus discípulos no evangelho de Lucas – capítulo 18 e versículos 9-14 –, na qual o fariseu chega à igreja cheio de si, agradecendo a Deus por ser um homem tão bom e obediente, enquanto que o coletor de impostos nem ao menos olhou para cima, com vergonha de seus pecados e se considerando um miserável. O jesuíta traz à tona a parte em que esse segundo homem está cercado de arrependimentos por perceber que não é um servo de Deus obediente, mas alguém que nem se sente digno de estar em sua presença, por sempre desobedecer. Assim os colonos precisavam fazer; se não obedeciam, deviam, pelo menos, arrepender-se de seus males. (BÍBLIA, 1995).

O segundo exemplo mostra a relação entre os colonos dominadores de índios e os egípcios, que mantinham os hebreus como escravos, em referência a um texto bíblico que remete ao momento em que Deus mandou Moisés libertar o povo de Israel do Egito, como descrito no livro de Êxodo – capítulo 3. Pelo fato de o rei não permitir a saída dos escravos, Deus castigou a terra egípcia com os mais diversos tipos de pragas, levando todo o Egito a sofrer as consequências. Assim, Vieira questiona aos colonos o motivo de um castigo tão severo e ele próprio responde que isso foi ocasionado pela injustiça causada àquelas almas e que o mesmo poderia acontecer se eles não tomassem a iniciativa de pôr em liberdade os cativos de sua terra. (BÍBLIA, 1995).

A terceira e última comparação é feita entre duas personagens bíblicas femininas: uma mulher samaritana (seu nome não é mencionado) e uma rainha chamada Jesabel (ou Jezabel, conforme a tradução). A primeira figura aparece no Evangelho de João (capítulo 4), no Novo Testamento (BÍBLIA, 1995); a história conta que Jesus estava se deslocando da Judeia para a Galileia, passando por Samaria, quando sentiu cansaço e parou no meio do caminho, em uma cidade por nome Sicar. Encontrou lá uma fonte de água e sentou-se junto a ela quando, de repente, aparece uma mulher para tirar água. Era uma samaritana. Cristo, ao vê-la, não a despreza, como faziam os outros judeus (por não terem um bom relacionamento com os samaritanos), mas conversa com ela e lhe surpreende com revelações proféticas sobre sua vida particular e por declarar que ele era o Messias. A partir disso, aquela mulher que outrora tinha uma vida de erros, pois se relacionava com homens casados, escutou a pregação de Jesus e

passou a apregoar aos demais aquilo que ouvira dele, dando a entender que algum efeito ele causou em sua vida. Por isso, Vieira afirma que ela “foi tão santa”. (VIEIRA, 2008).

A outra mulher, chamada Jesabel, é apresentada como a esposa de Acabe, rei de Israel e uma pessoa que perseguia os seguidores da religião judaica, dando ordem para que tirassem o que eles tinham e executassem a todos. Sua morte aconteceu de uma forma muito violenta, pois foi empurrada de uma janela, sendo seu corpo esmagado no solo, pisado por cavalos e comido por cães. (BÍBLIA, 1995).

Vieira retoma essas narrativas como uma forma de mostrar os castigos que Deus dá aos que o desobedecem e àqueles que não concedem a liberdade dos mais simples. Essa intertextualidade mantém a relação entre presente e passado, isto é, o momento em que o padre estava pregando o sermão e os acontecimentos descritos nos textos bíblicos. Essas comparações serviam como base de sustentação do discurso religioso e como estratégia de convencimento dos ouvintes.

O *Sermão da Primeira Domingo da Quaresma* foi pregado na tentativa de convencer os colonos a tornarem livres os índios que estavam sob seu domínio, servindo como escravos. Vieira, por meio de argumentos, exemplos e exortações, mostrou que manter esses índios como escravos era um grande pecado, que levaria os senhores ao inferno, a menos que, como Cristo resistiu à tentação do demônio de vender sua alma, ajoelhando-se aos seus pés em troca de coisas materiais, assim também eles deveriam renunciar seus próprios desejos, porque as almas daquelas pessoas eram mais valiosas que qualquer outro bem.

Como forma de persuadir o público, o padre propõe uma solução, para que nenhum dos lados saísse perdendo: os senhores libertariam os escravos e estes ficariam sob custódia do rei, mas livres da escravidão. Os que, por decisão particular, quisessem continuar sendo servos, poderiam fazê-lo e seriam totalmente responsáveis por isso. Os nativos que ficassem aos cuidados do monarca, deveriam servir aos portugueses num todo, sem possuir um dono específico, durante metade de suas vidas e recebendo um pequeno pagamento por seu trabalho, pelo bem do Estado, pois este, como o próprio Vieira afirma, não poderia se manter sem esses trabalhadores. (VIEIRA, 2008, p. 36).

Essa foi uma forma que o pregador encontrou de manter o equilíbrio entre as necessidades políticas e religiosas do Maranhão e de conseguir convencer os colonizadores de que esta atitude só traria pontos positivos a todos, inclusive o livramento da condenação ao inferno. O jesuíta termina o sermão de maneira estratégica, mostrando confiança no cumprimento da proposta, pois ele sabia que os portugueses compreenderiam os benefícios que

teriam e que não iriam desobedecer à voz de Deus, como ele mesmo comenta: “para que façais de tudo e de todos o que for mais conforme à vossa santa lei. Não é assim, cristãos? Assim é, assim o digo; assim o digo e prometo a Deus em nome de todos”. (VIEIRA, 2008).

Como observamos, esse sermão apresenta traços da historiografia brasileira do século XVII, tendo como pano de fundo a luta do padre Antônio Vieira em defesa dos nativos. Para alcançar a liberdade deles, o pregador utiliza em seu texto artifícios que vão além da linguagem comum: ele emprega em seu discurso argumentos com embasamento teórico, seja da *Bíblia Sagrada* ou de outros pregadores; elementos persuasivos, como as perguntas retóricas e o emprego de figuras de linguagem, como a *apóstrofe* e a *comparação*.

O texto vieiriano não é apenas de natureza histórica, política, religiosa ou literária. Há nele a presença de cada uma dessas abordagens e é essa junção que torna seu discurso rico e mostra que uma expressão literária pode apresentar outras faces, além do simplesmente contar ou descrever. Assim, o contexto de uma obra é de caráter relevante para compreendê-la a partir dos propósitos de cada autor e escola literária. Não é por conter um fundo religioso e político que um texto não possui literariedade; não é o fato de uma obra apresentar ideologias próprias do período, mesmo que sejam repressoras, que ela não tenha nada que se aproveite na literatura. É possível, sim, reconhecer os textos desse padre como portadores de múltiplas linguagens, inclusive à que corresponde ao fenômeno de criação.

No trecho a seguir, podemos observar a presença dos discursos religioso, político e literário do sermão, todos unidos para alcançar os propósitos do pregador: convencer por meio de argumentos retóricos, a ponto de fazer com que os ouvintes tenham e cumpram aquilo que lhes é ensinado e não sofram os castigos que poderiam vir como consequência da desobediência:

Todas as coisas deste mundo têm outra por que se possam trocar. [...]; só a alma não tem por que se trocar. [...]. Pois, se a vossa casa, e tudo o que nela tendes, o não quereis dar, senão pelo que vale, a vossa alma, que vale mais que o mundo todo, a vossa alma, que custou tanto como o sangue de Jesus Cristo, por que a haveis de vender tão vil e tão baixamente? Que vos fez, que vos desmereceu a triste alma? Não a tratareis sequer como o vosso escravo e como o vosso cavalo? Se vos perguntam acaso por que não vendeis a vossa fazenda por menos do que vale, dizeis que a não quereis queimar. E quereis queimar a vossa alma? Ainda mal, porque haveis de queimar e porque há de arder eternamente. (VIEIRA, 2008, p. 29-30).

Para persuadir os colonos de que era uma afronta a Deus eles trocarem suas almas por simples caprichos materiais, como o trabalho escravo, Vieira traz argumentos acerca da

narrativa descrita na *Bíblia Sagrada*, criando novas imagens e mostrando uma outra visão interpretativa, relacionando a “tentação” de Jesus pelo diabo, no pedido da prestação de adoração em troca de todas as riquezas do mundo, com a tentação que os colonos teriam em continuar com seus cativos.

A face política está imbricada na intenção de convencer os colonos a não manterem índios escravos. O lado religioso está ligado aos ensinamentos moralizantes trazidos como fundamento do discurso para a persuasão. A natureza literária, associada aos demais elementos acima mencionados, pode ser observada na construção da pregação: o jesuíta também faz uso de comparações entre os acontecimentos do Maranhão e os relatos bíblicos, para mostrar o quanto vale cada alma. Além dessa relação, Vieira tece seus argumentos retoricamente, trazendo questionamentos e hipóteses que vão sendo respondidas ao longo do sermão. Outro fragmento da pregação também confirma a existência desses aspectos:

Ora, cristãos, não sejam assim: aprendamos ao menos do demônio a estimar nossa alma. Vejamos o que o demônio hoje fez por uma alma alheia para que nós nos corramos e confundamos do pouco que fazemos pelas próprias. *Vai-se o demônio ao deserto, está-se nele quarenta dias e quarenta noites, como se fora um anacoreta; e em todo este tempo esteve vigiando, e espreitando ocasião, e tanto que a teve, não deixou pedra por mover para a conseguir. Vendo que não lhe sucedia, parte para Jerusalém, e sendo tão inimigo de Deus, vai-se ao Templo para persuadir a Cristo que se arrojasse do pináculo [...], estuda livros, alega Escrituras, interpreta salmos [...]. Resistindo também aqui, e vencido segunda vez o demônio, nem por isso desmaia: corre vales, atravessa montes, sobe ao mais alto de todos, e só por ver se podia fazer cair a Cristo, não repara em dar de uma só vez o mundo todo.* E que o demônio faça tudo isto por uma alma alheia; e que façamos nós tão pouco pela própria! Que se ponha o demônio quarenta dias em um deserto para me tentar; e que eu nos quarenta dias da quaresma não tome um quarto de hora de retiro para lhe saber resistir! Que vigie o demônio e espreite todas as ocasiões para me condenar; e que deixe eu passar tantas de minha salvação; e ocasiões que uma vez perdidas, não se podem recuperar! Que vá o demônio ao Templo de Jerusalém distante tantas léguas, para me despenhar ao pecado; e que tendo eu a Igreja à porta, não me saiba ir meter em um canto dela, como o Publicano, para chorar meus pecados! Que o demônio para me persuadir, estude e alegue os livros sagrados; e que eu não abra um só espiritual, para que Deus fale comigo, já que eu não sei falar com ele! Que o demônio vencido a primeira e segunda vez, insista, e não desmaie para me render; e que se comeci acaso alguma obra boa, à primeira dificuldade desista, e não tenha constância nem perseverança em nada! Que o demônio para me fazer cair, desça vales, e suba montes; e que eu não dê um passo para me levantar, tendo dado tantos para me perder! Finalmente, que o demônio para granjear a minha alma, não repare em dar no primeiro lanço o mundo todo; e que eu estime a minha alma tão pouco, que bastem os mais vis interesses do mundo para a entregar ao demônio! Oh miséria! Oh cegueira! (VIEIRA, 2008, p. 30-31, grifo nosso).

O trecho começa com Vieira chamando a atenção dos ouvintes para aprenderem a dar valor à sua alma, nem que esse aprendizado ocorra por meio do ensinamento adquirido pela reflexão das ações do “tentador”. Em seguida, o padre descreve como o diabo se preparou para encontrar-se com Jesus e tentá-lo. O empenho dele em conquistar a alma de Cristo é colocado em foco, sendo comparado a um monge cristão que se isola para o estudo religioso. Essa dedicação é posta em evidência para mostrar que os colonos também precisavam seguir esse passo, zelando por suas almas, resistindo, assim, a qualquer outra riqueza que pudesse ser oferecida em troca.

Nesse fragmento, podemos observar ainda as imagens que Vieira cria a partir da narrativa bíblica, ampliando o nível de interpretação da história, para mostrar que os colonos deviam valorizar suas almas, mesmo que o mal (simbolizado pela figura do diabo) os tentasse de todas as formas, como fez com Cristo. Para mostrar uma nova visão imagética, o jesuíta utiliza comparações (relações entre o acontecimento bíblico e o momento em que o pregador profere seu discurso): “e que o demônio faça tudo isto por uma alma alheia; e que façamos nós tão pouco pela própria!”; “que se ponha o demônio quarenta dias em um deserto para me tentar; e que eu nos quarenta dias da quaresma não tome um quarto de hora de retiro para lhe saber resistir!”. Esses aspectos comparativos são expressos nas ideias trazidas pelo jesuíta como forma de exemplificar o descaso dos portugueses para com suas obrigações cristãs, explorando os indígenas e, com isso, atrapalhando o serviço religioso da colônia.

Como podemos observar nesse sermão, Vieira luta em favor dos oprimidos e tenta reconciliar esse conflito com o bem do Estado. Dessa forma, ele recorre a outros discursos para embasar o seu e coloca em prática sua genialidade como orador e como um conhecedor dos elementos estilísticos necessários para dar uma nova roupagem ao seu texto, criando imagens do céu, do inferno, de castigos que poderiam advir da autoridade divina, caso os dominadores não recuassem e construindo relações entre os exemplos aplicados das mais diversas fontes.

Dessa forma, o padre Antônio Vieira deixa claro em seu discurso que sabe utilizar os elementos de uma boa retórica, equilibrando os interesses políticos e religiosos e trabalhando a linguagem como um artista, usando cada palavra com a intenção pré-definida de convencer o público a aceitar sua prédica como verdadeira.

Com base no que foi exposto, prosseguimos com a análise do nosso segundo *corpus* de pesquisa, constituído pelo *Sermão de Santo Antônio aos Peixes* que, assim como o *Sermão da Primeira Domingo da Quaresma*, também traz pontos importantes para compreender o

contexto que cercava o homem seiscentista e para perceber como se constrói o discurso vieiriano literariamente.

3.2 *SERMÃO DE SANTO ANTÔNIO AOS PEIXES*

Seguindo os mesmos critérios analíticos do sermão anterior, passamos a analisar as características histórica, estrutural e estilística do *Sermão de Santo Antônio aos Peixes*, relacionando-as às funções e objetivos dessa pregação no momento em que foi proferida e aos possíveis resultados alcançados pelo pregador.

Esse sermão foi pregado em 13 de junho de 1654 (data em que a Igreja Católica comemora o Dia de Santo Antônio), em São Luís do Maranhão, como continuação do *Sermão da Primeira Domingo da Quaresma*, pois os colonos esqueceram as propostas feitas por Vieira anteriormente e logo voltaram a protestar a posse dos escravos. O tom ameaçador do primeiro sermão não teve sucesso por muito tempo, pois aqueles senhores tinham interesses maiores a realizar. Vieira, ciente disso, procurou renovar sua tentativa de impressionar e repreender aqueles ouvintes, usando ainda mais elementos literários e retóricos, como a metáfora, a alegoria, a ironia, as repetições e as exclamações e interrogações. Nesta análise, vamos identificar outras figuras de linguagem utilizadas por Vieira, para causar efeitos maiores em seu público.

O *Sermão de Santo Antônio aos Peixes* tem esse título porque faz referência a uma lenda que havia na época, envolvendo o santo Antônio de Pádua e uma multidão de peixes. Conta a história que, estando o santo em Rimini, uma região da Itália, foi pregar aos habitantes de lá, mas eles não o quiseram ouvir e lhe viraram as costas. Com isso, ele passou a pregar aos peixes que, por um milagre, levantaram suas cabeças e começaram a dar atenção ao que o pregador falava. Isso impressionou aquelas pessoas e elas logo passaram a crer na mensagem, passando a se converter. Essa passagem narrativa tornou-se fonte de inspiração para Vieira nesse sermão, tanto no que remete aos personagens, quanto nas imagens representadas por elas nas metáforas e alegorias que o padre utiliza. No decorrer do texto, Vieira descreve essa história, para mostrar que naquele dia festivo ele não falaria do santo, mas pregaria como ele, a peixes e não a homens, num sentido metafórico, que explicitaremos a seguir.

Como o primeiro sermão, este também apresenta em sua composição inicial a presença da seguinte epígrafe: “*Vos estis sal terrae*” (VIEIRA, 2008, p. 43, grifo do autor), que se refere a um versículo bíblico que, traduzido, significa: “*Vós sois o sal da terra*” (BÍBLIA, 1995, p.

5). Esse trecho corresponde ao momento em que Cristo profere o famoso *Sermão da Montanha* a uma multidão e aos seus discípulos, em Mateus (capítulo 5). A estes últimos, Jesus chama de “*sal da terra*”, metáfora utilizada para indicar que eles seriam responsáveis por mostrar o caminho da salvação, purificando a terra, assim como o sal tem a função de dar sabor e tirar as impurezas. Dessa forma, Vieira retoma a imagem metafórica que Cristo usa para construir o seu discurso, baseando-se nas sagradas escrituras e tecendo argumentos para comprovar que este ensinamento deveria continuar sendo cumprido.

O sermão está dividido também em seis partes (I – introdução, II, III, IV, V – corpo do sermão e VI – conclusão). No *exórdio* (primeira parte da introdução), o autor explica a citação apresentada inicialmente, expõe uma breve interpretação e opinião acerca do excerto bíblico e começa a lançar questionamentos, hipóteses e suposições sobre o fato, para refletir junto com o público a decisão a ser tomada para a resolução dos problemas naquela terra:

Vós, diz Cristo Senhor nosso, falando com os pregadores, sois o sal da terra: e chama-lhes sal da terra, porque quer que façam na terra o que faz o sal. O efeito do sal é impedir a corrupção, mas quando a terra se vê tão corrupta como está a nossa, havendo tantos nela que têm ofício de sal, qual será, ou qual pode ser, a causa desta corrupção? Ou é porque o sal não salga ou porque a terra se não deixa salgar. Ou é porque o sal não salga e os pregadores não pregam a verdadeira doutrina; ou porque a terra se não deixa salgar e os ouvintes, sendo verdadeira a doutrina que lhes dão, a não querem receber. Ou é porque o sal não salga e os pregadores dizem uma coisa e fazem outra; ou porque a terra se não deixa salgar e os ouvintes querem antes imitar o que eles fazem, que fazer o que dizem. Ou é porque o sal não salga e os pregadores se pregam a si, e não a Cristo; ou porque a terra se não deixa salgar e os ouvintes, em vez de servir a Cristo, servem os seus apetites. Não é tudo isto verdade? Ainda mal! (VIEIRA, 2008, p. 43).

Ao fazer isso, mesmo ciente das respostas a essas perguntas e das atitudes a serem tomadas para resolver essas questões, Vieira chama mais a atenção de seu público para a reflexão e consideração dos modelos exemplares que ele traz no decorrer de seu discurso. Se o jesuíta, apesar de ser o chefe dos missionários, chegasse aos ouvintes apenas dando ordens, sem procurar apresentar argumentos convincentes, ele poderia não ter êxito em seus propósitos ou apenas dificultar ainda mais a relação de comunicação entre os colonos e os jesuítas.

O padre coloca em prática sua agudeza retórica e continua mostrando possíveis soluções para dar um fim às corrupções diagnosticadas no território maranhense, sem ainda tratar diretamente quais seriam elas e o que as causavam. Após explicitar o fim que levaria o sal (nesse caso, representa o pregador) que não fizesse o seu trabalho conforme Cristo ensina, o

autor põe em evidência as questões sobre o que aconteceria à terra (ouvinte), se não deixasse o sal cumprir sua função, tomando como fundamento a figura de Santo Antônio:

Isto é o que se deve fazer ao sal que não salga. E à terra que se não deixa salgar, que se lhe há de fazer? Este ponto não resolveu Cristo, Senhor nosso, no Evangelho; mas temos sobre ele a resolução do nosso grande português Santo Antônio, que hoje celebramos, e a mais galharda e gloriosa resolução que nenhum santo tomou. (VIEIRA, 2008, p. 44).

Em seguida, o padre mostra a trajetória desse santo, falando de suas missões e dificuldades ao executá-las. Conta da vez em que ele se pôs a pregar numa cidade da Itália e foi perseguido por seus moradores, como mencionamos anteriormente, chegando ao ponto de trocar o púlpito e o público para dirigir suas palavras a seres irracionais, que lhe deram mais atenção e se mostraram dispostos a ouvir. Com isso, Vieira aponta que seguirá o exemplo de Santo Antônio, quanto à sua ousadia em falar aos peixes, e que o assunto de seu sermão será baseado nesse modelo. Essa parte da introdução consiste no *introito*, ao qual também nos referimos na análise do primeiro sermão.

A introdução é finalizada com o autor afirmando que vai pregar aos peixes e não aos homens, porque, segundo ele, não adiantava falar a pessoas que se recusavam ouvir. Com a primeira parte de sua pregação exposta, Vieira desenvolve o corpo do sermão a partir de argumentos que provem a veracidade de seu discurso. Para isso, ele faz referência a “personagens” da *Bíblia Sagrada*, como Jesus Cristo, Moisés, Jonas, Noé, Tobias, S. Tiago, Davi, Jó, Pedro, Simão, etc.; a outros pregadores, como Santo Antônio, S. Basílio, S. Gregório Nazianzeno, Santo Ambrósio e Santo Agostinho; e ao filósofo Aristóteles, para mostrar que não era apenas ele que tinha razão quando falava que os peixes tinham qualidades melhores que as dos homens, bem como atitudes negativas igualmente semelhantes. Assim, sua pregação ganha mais autenticidade diante dos ouvintes, como no trecho a seguir:

[...] passo às virtudes naturais e próprias vossas. *Falando dos peixes, Aristóteles diz que só eles, entre todos os animais, se não domam nem domesticam.* Dos animais terrestres o cão é tão doméstico, o cavalo tão sujeito, o boi tão serviçal, o bugio tão amigo ou tão lisonjeiro, e até os leões e os tigres com arte e benefícios se amansam. Dos animais do ar, afora aquelas aves que se criam e vivem conosco, o papagaio nos fala, o rouxinol nos canta, o açor nos ajuda e nos recreia; e até as grandes aves de rapina, encolhendo as unhas, reconhecem a mão de quem recebem o sustento. Os peixes, pelo contrário, lá se vivem nos seus mares e rios, lá se mergulham nos seus pegos, lá se escondem nas suas grutas, e não há nenhum tão grande que se fie do homem, nem tão pequeno que não fuja dele. (VIEIRA, 2008, p. 48, grifo nosso).

É nesse momento que o padre Antônio Vieira se ocupa em louvar as virtudes do seu auditório de habitantes do mar e repreender seus vícios. Os elogios aos peixes mostram o desejo do pregador de que seu público humano tenha as mesmas qualidades, como as de ouvir e não falar, como os peixes faziam. Usando essa imagem, o jesuíta ensina, indiretamente, como deve ser o comportamento daquelas pessoas, que tanto reclamavam e entravam em conflitos por não obter suas ambições. O autor traz à tona a representação de alguns tipos de peixes que eram pequenos, mas que tinham grandes qualidades, como o peixe de Tobias (personagem bíblico), o Rêmora, o Torpedo e o Quatro-olhos. Todos eles eram virtuosos e por isso também perseguidos.

A exaltação aos atributos de seu auditório permanece até a terceira parte do sermão. A partir do quarto momento, o missionário passa a repreender seus ouvintes, mostrando seu descontentamento com alguns comportamentos que eles têm entre si, como o fato de os maiores engolirem os menores, mesmo pertencendo ao mesmo espaço, a exploração dos poderosos para com os mais simples e todos os vícios que mudavam o “caráter” daqueles seres. Para isso, Vieira utiliza a figura de alguns peixes que eram de natureza má, como o Roncador, o Pegador, o Voador e o polvo. O padre critica as atitudes desses peixes, mostrando que elas não deviam ser seguidas:

A primeira coisa que me desedifica, peixes, de vós, é que vos comeis uns aos outros. Grande escândalo é este, mas circunstância o faz ainda maior. Não só vos comeis uns aos outros, senão que os grandes comem os pequenos. Se fora pelo contrário, era menos mal. Se os pequenos comeram os grandes, bastara um grande para muitos pequenos; mas como os grandes comem os pequenos, não bastam cem pequenos, nem mil, para um só grande [...]. Tão alheia coisa é, não só da razão, mas da mesma natureza, que sendo todos criados no mesmo elemento, todos cidadãos da mesma pátria e todos finalmente irmãos, vivais de vos comer. Santo Agostinho, que pregava aos homens, para encarecer a fealdade deste escândalo, mostrou-lho nos peixes; e eu, que prego aos peixes, para que vejais quão feio e abominável é, quero que o vejais nos homens. (VIEIRA, 2008, p. 58-59).

Essas admoestações são feitas até a última parte do sermão. Nela, Vieira traz uma visão geral do que foi explanado e põe em foco os ensinamentos que ficam das reflexões realizadas, desafiando seu público a colocar em prática essas exortações. Vieira procura mostrar, por meio das imagens criadas através dos peixes, a causa da corrupção naquela terra, a qual podia advir do sal (pregador) por não cumprir seu papel, ou da terra (o ouvinte), quando não aceita o efeito desse sal.

Para criar novas imagens, além das que são utilizadas comumente, e tornar seu discurso dinâmico e ao mesmo tempo eloquente, Vieira emprega algumas figuras de linguagem e muitos elementos de persuasão. Das figuras, o autor utiliza, principalmente, a *metáfora* e a *ironia*. No que se refere aos recursos estilísticos de natureza retórica e também literária, ele faz uso da *alegoria*, das *exclamações* e *interrogações retóricas* e de *repetições*.

Há *metáfora* “quando se estabelece uma equivalência **implícita**, sem o intermédio de um tempo de comparação. Baseia-se numa **associação de ideias subjetivas**, e uma palavra deixa seu contexto normal para fazer parte de outro contexto”. (LOPES, 2010, p. 248, grifo do autor). Nesse sermão, Vieira utiliza frequentemente essa figura quando compara os homens com os peixes de maneira disfarçada, criando uma imagem alegórica, já que, ao invés de falar diretamente aos homens, se dirige aos peixes com a intenção de torná-los representação do comportamento humano:

Oh! Maravilhas do Altíssimo! Oh, poderes do que criou o mar e a terra! Começam a ferver as ondas, começam a concorrer os peixes, os grandes, os maiores, os pequenos, e postos todos por sua ordem com as cabeças de fora da água, Antônio pregava, e eles ouviam. (VIEIRA, 2008, p. 45).

Olhai, peixes, lá do mar para a terra. Não, não: não é isso o que vos digo. Vós virais os olhos para os matos e para o sertão? Para cá, para cá; para a cidade é que haveis de olhar. Cuidais que só os tapuias se comem uns aos outros? Muito maior açougue é o de cá, muito mais se comem os Brancos. Vedes vós todo aquele bulir, vedes todo aquele andar, vedes aquele concorrer às praças e cruzar as ruas; vedes aquele subir e descer as calçadas, vedes aquele entrar e sair sem quietação nem sossego? Pois tudo aquilo é andarem buscando os homens como hão de comer e como se hão de comer. (VIEIRA, 2008, p. 59).

A *alegoria* é feita através da aproximação de contextos diferentes, como afirma Lopes (2010); no texto, esses contextos são representados, respectivamente, pelo “peixe” e pelo “homem”, os quais pertencem a naturezas totalmente distintas, mas que, como apresenta Vieira, têm comportamentos parecidos, ao viver em conjunto com outros da mesma espécie. Ao buscar na figura do peixe um apoio para ensinar aos homens, sem que estes entrem em conflito por conta da pregação, o padre coloca em evidência sua capacidade criadora, aliada à conquista dos propósitos do sermão. Por isso, os elementos estilísticos empregados no texto vieiriano não são simplesmente ornamentais, mas adquirem um valor simbólico e pedagógico, que podem também caracterizar uma obra literária.

Nos trechos do sermão expostos acima, podemos perceber, ainda, a presença de elementos exclamativos e interrogativos: “*Oh! Maravilhas do Altíssimo!*”, “*Oh, poderes do*

que criou o mar e a terra! ”, “Vós virais os olhos para os matos e para o sertão? ”, “vedes aquele entrar e sair sem quietação nem sossego? ” (VIEIRA, 2008, p. 45, 59). Eles são usados para chamar a atenção dos ouvintes ao discurso e para provocar uma reflexão sobre o que está sendo ensinado.

Outra figura que Vieira aplica em sua pregação é a *ironia*, que “é quando se empregam palavras, expressões ou períodos com o intuito de se dizer o **oposto do que elas expressam**”. (LOPES, 2010, p. 250, grifo da autora). Nesse sentido, podemos perceber que essa é uma estratégia que o autor encontra de dizer algo sem que isso provoque um assombro no público. Por exemplo, ao trazer uma exortação diretamente aos colonos, denunciando algum erro, o jesuíta se faz de esquecido e retorna a dirigir a palavra aos peixes:

Pois a quem vos quer tirar as cegueiras, a quem vos quer livrar dos demônios perseguis vós? Só uma diferença havia entre Santo Antônio e aquele peixe: que o peixe abriu a boca contra quem se lavava, e Santo Antônio abria a sua contra os que se não queriam lavar. Ah, moradores do Maranhão, quanto eu vos pudera agora dizer neste caso! Abri, abri estas entranhas; vede, vede este coração. *Mas ah! sim, que me não lembrava! Eu não vos prego a vós, prego aos peixes.* (VIEIRA, 2008, p. 52, grifo nosso).

O polvo com aquele seu capelo na cabeça, parece um monge; com aqueles seus raios estendidos, parece uma estrela; com aquele não ter osso nem espinha, parece a mesma brandura, a mesma mansidão. E debaixo desta *aparência tão modesta*, ou desta *hipocrisia tão santa*, testemunham constantemente os dois grandes Doutores da Igreja latina e grega, que o dito polvo é o maior traidor do mar. (VIEIRA, 2008, p. 72, grifo nosso).

Essa tática faz com que o público “caia em si” e perceba que ele é o alvo das repreensões e não aqueles animais irracionais, mesmo que depois o pregador mostre outro alvo aparente. No segundo trecho, a *ironia* se faz presente quando Vieira exalta o que na verdade está condenando: quando ele fala em “*aparência modesta*” e em “*hipocrisia santa*”, está se referindo a alguém que, representado pela figura do polvo, demonstra ter boas intenções, quando na verdade é um traidor.

Outro recurso bastante utilizado pelo padre é a *repetição*, que “é quando se **repete a mesma palavra ou expressão a intervalos regulares**, geralmente no início de frases ou membros de frases”. (LOPES, 2010, p. 251, grifo do autor). Sua principal função, geralmente, não é apenas prolongar o discurso, mas torná-lo mais claro, evidenciar os aspectos considerados importantes e lembrar o interlocutor da relevância da mensagem para o momento.

No *Sermão de Santo Antônio aos Peixes*, essa característica se faz presente em diversas partes do corpo textual, principalmente por meio de *paralelismos*, que consistem em repetições de palavras ou ideias no discurso:

[...] quando a terra se vê tão corrupta como está a nossa, havendo tantos nela que têm ofício de sal, qual será, ou qual pode ser, a causa desta corrupção? *Ou é porque* o sal não salga *ou porque* a terra se não deixa salgar. *Ou é porque* o sal não salga e os pregadores não pregam a verdadeira doutrina; *ou porque* a terra se não deixa salgar e os ouvintes, sendo verdadeira a doutrina que lhes dão, a não querem receber. *Ou é porque* o sal não salga e os pregadores dizem uma coisa e fazem outra; *ou porque* a terra se não deixa salgar e os ouvintes querem antes imitar o que eles fazem, que fazer o que dizem. *Ou é porque* o sal não salga e os pregadores se pregam a si, e não a Cristo; *ou porque* a terra se não deixa salgar e os ouvintes, em vez de servir a Cristo, servem os seus apetites. Não é tudo isto verdade? Ainda mal! (VIEIRA, 2008, p. 43, grifo nosso).

Quantos, correndo fortuna na nau Soberba, com as velas inchadas do vento e da mesma soberba (que também é vento), se iam desfazer nos baixos, que já rebentavam por proa, se a língua de Antônio, como rémora, não tivesse mão no leme, até que as velas se amainassem, como mandava a razão, e cessasse a tempestade de fora e a de dentro? *Quantos*, embarcados na nau Vingança, com a artilharia abocada e os botafogos acesos, corriam enfunados a dar-se batalha, onde se queimariam, ou deitariam a pique, se a rémora da língua de Antônio lhes não detivesse a fúria, até que composta a ira e ódio, com bandeiras de paz se salvassem amigavelmente? (VIEIRA, 2008, p. 53-54, grifo nosso).

Nesses fragmentos, podemos observar o uso constante de repetições de termos e de pensamentos do autor, numa sucessão de situações a serem consideradas pelo orador e pelo público, a fim de destacar as possibilidades da causa do problema: “*ou é porque o sal não salga e os pregadores não pregam a verdadeira doutrina...*”; e mostrar exemplos de consequências resultantes de comportamentos semelhantes, na terra que o santo Antônio pregou: “*quantos, correndo fortuna na nau Soberba, com as velas inchadas do vento e da mesma soberba (que também é vento), se iam desfazer nos baixos...*”. O recurso repetitivo é, portanto, um artifício empregado pelo autor para destacar os exemplos a serem seguidos e as consequências da desobediência.

A repetição é um importante instrumento discursivo, pois é a partir dela que a coerência temática é mantida em um texto. Utilizado de forma constante, esse recurso também não perde seu valor, desde que esteja ligado às intenções do autor. Antunes (2010, p. 71-74, grifo do autor) aponta algumas das principais funções desse mecanismo linguístico: “*marcar a ênfase* que se pretende atribuir a determinado segmento”; “*marcar o contraste* entre dois segmentos do

enunciado” e “*marcar a continuidade do tema que está em foco*”. Sendo assim, ele permite realçar as ideias transmitidas na mensagem, trazendo ao público as informações necessárias para o cumprimento dos propósitos do sujeito enunciativo.

Ao fazer uso das repetições e dos outros elementos estilísticos apresentados, Vieira acrescenta um ambiente retórico e literário à sua prédica política e religiosa. Esse pregador cumpre com sua função de missionário e de diplomata, mas também se mostra um engenhoso orador, que sabe administrar os aspectos persuasivos e criar imagens a partir do signo linguístico para que, através deles, os ouvintes possam compreender melhor a pregação e visualizar os efeitos de seu cumprimento ou desobediência.

Com isso, podemos compreender a produção vieiriana como uma expressão literária e não apenas como um produto com natureza histórica e religiosa. Literária porque apresenta criação, nova visão de mundo e a presença de itens estilísticos e retóricos e por representar a sociedade seiscentista.

No *Sermão de Santo Antônio aos Peixes*, Vieira se revela um artífice da linguagem, sabendo o momento certo de utilizar como apoio referências que trazem ao seu sermão um caráter mais autoritário e “verdadeiro”. Ora se ancora na *Bíblia Sagrada* para mostrar que sua prédica é incontestável diante dos homens, ora recorre a pensadores, como o filósofo Aristóteles, demonstrando seu alto grau de conhecimento dos clássicos, ora explora a própria língua portuguesa e os seus recursos expressivos e ainda exterioriza sua capacidade retórica.

Assim, considerar o padre Antônio Vieira como autor de uma literatura não é exigir demais de uma época que não tinha essa característica como pretensão primeira, é apenas reconhecer que o campo literário é aberto a escritores que buscam inovar, criar, persuadir através do discurso e da utilização de recursos estilísticos e retóricos, representar uma sociedade e um período, mostrar seu lado pedagógico e trabalhar com as palavras, construindo novos significados e imagens. E isso se cumpre nos sermões desse padre. Cada palavra, em Vieira, ocupa o seu lugar apropriado, as diferentes significações escondem uma intenção pré-definida por um jesuíta que não mede esforços para conquistar seus objetivos, sendo, também, considerado um homem à frente de seu tempo, por ainda conquistar os mais diversos públicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O discurso literário difere de outros discursos por apresentar elementos ligados à criação e à estética. Além disso, a representação de uma determinada sociedade também constitui uma característica presente na expressão literária, desde os primórdios da humanidade. Um texto, para ser considerado literário, não precisa deixar de lado outras facetas, como a histórica, a política e a religiosa. Um discurso religioso, como no sermônário de Vieira, mesmo que não tenha como intenção primeira ser literário, pode apresentar aspectos que expressam sua literariedade, por meio de elementos estéticos e retóricos, que contribuem para o cumprimento do propósito inicial, que é a conversão de almas.

Como vimos, o padre Antônio Vieira foi um jesuíta que, além de religioso, foi um político e excelente orador. Seus sermões apresentam uma riqueza de detalhes que remetem ao momento histórico em que está inserido e aos ornamentos da linguagem, que dão beleza ao discurso, visam ao convencimento dos ouvintes e, dessa forma, à catequização.

Os sermões analisados – *Sermão da Primeira Domingo da Quaresma* (1653) e *Sermão de Santo Antônio aos Peixes* (1654) – são exemplos de textos que podem ser verificados literariamente, ao se observar a forma como são construídos, os seus contextos de produção e os objetivos do autor. A face contextual, nesse caso, é importante de ser levada em conta porque abrange um período de conflitos entre portugueses e nativos, graças às invasões ocorridas no território brasileiro e nos “terrenos” espiritual e físico dos indígenas, já que foram forçados a aceitar a nova cultura.

Não podemos negar que poderia haver intenções hegemônicas por trás de muitos discursos proferidos por pregadores jesuítas, inclusive o padre Antônio Vieira, pois ele, mesmo defendendo os índios em seus sermões, mesmo sendo a favor dos cristãos-novos, mostrava concordância com a escravização dos negros, obediência à corte portuguesa e um espírito catequizador ativo. Podemos encontrar contradições que se baseiam em interesses econômicos intrínsecos, porém, em Vieira, encontramos também um jesuíta revolucionário, um pregador que acusou as injustiças sociais, mesmo que fossem sobre os escravos e que, por isso, foi perseguido e preso. Se atentarmos para o contexto em que os sermões foram escritos, observamos que na época eles exerciam a função social de formar e educar os ouvintes, mesmo que fosse pelo discurso religioso – o que era comum. E esse é o ponto a que queremos chegar: o discurso religioso presente no período do Barroco, por mais que traga aspectos correspondentes aos discursos dos dominadores portugueses, sendo, assim, vistos como

instrumentos de dominação, são representativos desse momento; a doutrinação e catequização por meio do discurso elaborado esteticamente era comum nessa época e nem por isso sua importância deve ser banida de nossa história, muito menos da história da literatura.

Nos sermões analisados, Vieira apresenta alguns dos problemas da sociedade seiscentista, que tinha como base para sua economia a exploração do trabalho escravo indígena. Esse meio social é representado pelos colonos, os quais não conseguiam aceitar que o padre, com o apoio real, se metesse nas questões econômicas da colônia e exigisse a libertação dos escravos.

Como forma de admoestar esses homens e convencê-los de que a escravização indígena não era a melhor solução, Vieira apresenta um discurso ancorado em histórias bíblicas, nos ensinamentos de Cristo, nos grandes pensadores clássicos e nos renomados pregadores da Igreja Católica, que serviram de exemplo de fé e perseverança. Além disso, o autor emprega ornamentos e recursos que tornam sua pregação persuasiva e bela ao público.

Cada componente empregado nos sermões tem uma função específica; não são lançados aleatoriamente. Cada um ocupa seu lugar estrategicamente. Quando quer dar ênfase ao seu discurso e chamar a atenção dos ouvintes, Vieira utiliza figuras de linguagem e recursos estilísticos como a *apóstrofe*, as *repetições*, as *exclamações* e *interrogações retóricas*. Para criar imagens que sejam admiradas ou causem temor nas pessoas, o jesuíta faz uso da *metáfora* e da *alegoria*. Para trazer ensinamentos baseados em discursos maiores, como os autores que ele declara como fundamento, o padre se apropria das *comparações*, mostrando as relações existentes entre seu sermão e os textos que o embasam.

Para compreender a tessitura da produção parenética vieiriana, ancoramo-nos em autores que estudam os sermões desse jesuíta sob um ponto de vista contextual e ideológico: Silva, V. (2010) nos ajudou a entender como a literatura se caracteriza, Coutinho (2004) contribuiu para a compreensão da estética barroca, Chaui (2011) permitiu que adentrássemos no conceito de ideologia e verificássemos como um discurso pode ser influente numa sociedade e, por fim, Roncari (2002) possibilitou nosso entendimento quanto à importância e função do sermão no Brasil colonial.

Da análise realizada, é possível afirmar que Vieira soube manter o equilíbrio entre os aspectos literário e religioso de suas produções, mesmo num momento conturbado por causa de conflitos advindos da política e da religião, utilizando estratégias linguísticas e retóricas para intervir nesse contexto. Constatamos que podemos encontrar nos dois sermões, além da

representação histórica e social, elementos de criação e de elaboração retórica que confirmam traços da expressão literária no eloquente orador.

Dessa forma, podemos afirmar que a realização desta pesquisa alcançou os objetivos pretendidos, que eram discutir a presença de aspectos literários no *Sermão da Primeira Dominga da Quaresma* (1653) e no *Sermão de Santo Antônio aos Peixes* (1654), revisitando conceitos da literatura e analisando os elementos representativos desses textos no período.

A metodologia utilizada nesta pesquisa possibilitou-nos alcançar os resultados aqui apresentados, e sob a delimitação do tema, selecionar o objeto de pesquisa, organizar os objetivos a serem alcançados, separar o material necessário para leitura, fichamentos e estabelecer os critérios de análise. O referencial teórico também foi importante para atender à nossa demanda de análise, nos aproximando do *corpus* selecionado e contribuindo para a apreensão de novos conhecimentos.

Depois das leituras, estudos e análises dos sermões selecionados, podemos afirmar que esse foi um trabalho proveitoso, porque a aproximação com a produção de Antônio Vieira proporcionou mais aprendizado pessoal e acadêmico. Durante esta trajetória, nos deparamos com questões claras, mas não simples de responder e que, certamente, poderão ser analisadas posteriormente, pois as pesquisas sempre estão abertas a novos olhares e interpretações. Esperamos, assim, que estes resultados possam contribuir, de forma direta ou indireta, com futuras investigações que contemplem a parenética de Vieira, o brilhante orador, como objeto de pesquisa.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Antônio Suárez. **A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção**. 9. ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2009. Disponível em: <https://books.google.com.br/books/about/A_Arte_de_Argumentar_Gerenciando_Raz%C3%A3o.html?id=oBESkw2IKhEC&printsec=frontcover&source=kp_read_button&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 20 fev. 2018.
- ANTUNES, Irandé. Recursos da repetição. In: _____. **Lutar com palavras: coesão e coerência**. São Paulo: Parábola, 2010. cap. 5, p. 62-85.
- ARISTÓTELES. **Arte retórica e arte poética**. Trad. Antônio Pinto de Carvalho. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1989.
- BÍBLIA. Português. **Bíblia e harpa cristã**. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995.
- CHAUÍ, Marilena. **Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas**. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. 7. ed. rev. e atual. São Paulo: Global, 2004.
- HEERDT, Mauri Luiz; LEONEL, Vilson. Pesquisa científica: conceito e tipos. In: _____. **Metodologia científica e da pesquisa: livro didático**. 5. ed. rev. e atual. Palhoça: UnisulVirtual, 2007. unid. 3, p. 57-95.
- LOPES, Karolina. Figuras de linguagem: para construir o conceito. In: _____. **Nossa língua: linguagens, códigos e suas tecnologias**. São Paulo: DCL, 2010. cap. 28, p. 246-253.
- PALMA, Moacir Dalla. **Discurso literário: linguagem intrinsecamente diferenciada ou texto institucionalmente determinado?** Londrina, vol. 9, 2007, p. 69-76. ISSN 1678-2054. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa/g_pdf/vol9/9_7.pdf>. Acesso em: 01 fev. 2018.
- PLATÃO. Livro X. In: _____. **A república**. Tradução e notas de Maria Helena da Rocha Pereira. 9. ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1949. cap. 10, p. 449-497.

RONCARI, Luís. A praça e o púlpito. In: _____. **Literatura brasileira:** dos primeiros cronistas aos últimos românticos. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2002. cap. 2, p. 95-177.

SILVA, Severino Pedro da. **Homilética:** o pregador e o sermão. Rio de Janeiro: CPAD, 1992.

SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e. Os conceitos de literatura e literariedade. In: _____. **Teoria da literatura.** 8. ed. Coimbra: Almedina, 2010. cap. 1, p. 1-42.

VALE, Edilene Pereira; CORRÊA, Helidacy Maria Muniz. **Sob leis e regimentos:** os índios e a prestação de serviços no Maranhão e Grão-Pará (1640-1660). Artigo científico (Graduação em História). Natal – RN: FAPEMA/UEMA, 2013. 11 p. Disponível em: <http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1372276816_ARQUIVO_1Artigo_ANP_UH_Edilene_versao_FINAL,final_corrigida__1_.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2018.

VASQUES, Cristina Maria. **Fazendo arte na literatura:** um panorama lúdico e estético da literatura infantil e juvenil brasileira. Tese de Doutorado (Doutorado em Estudos Literários). Araraquara: UESP, 2011. 337 p. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/102360/000680137.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 19 jan. 2018.

VIEIRA, Padre Antônio. **Sermões escolhidos.** Verdasca, José (Org.). São Paulo: Martin Claret, 2008.